



FUNDAÇÃO NACIONAL DO  
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International  
Board on Books for Young People

iBBY

*Notícias 6*

Nº.6 Vol. 26 – Junho de 2004

# Prêmio ALMA consagra a maturidade literária de Lygia Bojunga

**N**a manhã de 17 de março, a FNLIJ recebeu uma notícia emocionante: a escritora Lygia Bojunga era a vencedora do Prêmio ALMA – Astrid Lindgren Memorial Award, da Suécia. Ninfa Parreiras, da equipe da FNLIJ, atendeu o telefonema do Sr. Kennet Gabrielsson e, logo em seguida, ligou para Lygia. Muito tranqüila, a escritora contou-lhe que havia sido despertada naquele dia, bem cedo, com esta notícia, transmitida pelos integrantes do júri do Prêmio ALMA.

O Prêmio ALMA – Astrid Lindgren Memorial Award – foi criado em 2002, pelo Governo da Suécia, em memória da escritora sueca Astrid Lindgren (1908-2002), que escreveu mais de 30 livros e peças de teatro para crianças, transformados em filmes, séries de TV e desenhos animados, tendo vendido mais de 80 milhões de livros, traduzidos em mais de 70 idiomas. Em 1958, ela foi a vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY, recebido por Lygia Bojunga em 1982. Na 1ª edição do Prêmio ALMA, em 2003, foram escolhidos um escritor e um ilustrador. Na 2ª edição, em 2004, instituições de cerca de 200 países indicaram 106 escritores e ilustradores de literatura para crianças e jovens e 29 programas de leitura para concorrer ao Prêmio instituído pelo governo sueco. Lygia Bojunga, pelo conjunto de sua obra, foi considerada pelo júri a única vencedora, recebendo o equivalente a US\$ 640 mil.

Com esta maravilhosa notícia, a euforia tomou conta de todos na Fundação. Toda a equipe se movimentava para atender às solicitações de fotos e de informações vindas da Suécia e de outros países e, ao mesmo tempo, para divulgar a notícia para a mídia,



A escritora Lygia Bojunga na cerimônia de entrega do Prêmio ALMA, em Estocolmo, Suécia, ao lado de Lill Lindfors e da H. R.H. Princesa Herdeira Victoria. A foto de Lars-Erik Örtlund, divulgada no site do Prêmio ALMA – [www.alma.se](http://www.alma.se) – foi cedida para publicação no *Notícias/FNLIJ*. Essa e outras fotos encontram-se também no site da Casa Lygia Bojunga – [www.casalugiabojunga.com.br](http://www.casalugiabojunga.com.br).

no Brasil, bem como para escritores, ilustradores, editores, representantes de instituições.

A secretária geral tinha ido a São Paulo naquela manhã, para uma reunião com o Ecofuturo, parceiro da FNLIJ no programa das Bibliotecas Comunitárias Ler é preciso. Ao saber, pelo celular, da grande novidade, lembrou-se imediatamente, entre outras providências que deveriam ser tomadas, de prestar à premiada autora a homenagem que recebem todos os artistas na hora de sua consagração. Pediu que fosse enviado à Lygia um buquê de flores, em nome de toda a equipe da FNLIJ!

Elda Nogueira ligou para os organizadores do Prêmio ALMA e obteve a confirmação de que Lygia Bojunga era a única vencedora.

Naquele dia e nos outros que se seguiram, a FNLIJ se empenhou em ser porta-voz dessa maravilhosa notícia, espalhando-a, para que todos os brasileiros pudessem sentir a felicidade e orgulho de saber que a

*Este texto de Laura Sandroni irá orientar a temática do Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, no 6º Salão do Livro da FNLIJ, a ser realizado de 16 a 26 de setembro, no Rio de Janeiro..*

*Trata-se da palestra apresentada no Congresso de Cuba – o Lectura 2003 – realizado em Havana, Cuba, em novembro do ano passado. Consiste num estudo detalhado e instigante sobre a temática que norteou os trabalhos do 14º Congresso do IBBY, organizado pela FNLIJ, seção brasileira do IBBY, e realizado no Rio de Janeiro, em 1974. A escritora Laura Sandroni, uma das fundadoras da FNLIJ, atualmente membro do Conselho Diretor, consultou os Anais do Congresso e fez um estudo comparativo entre a época em que ele foi realizado e o momento atual, registrando as conquistas feitas e o que ainda é preciso alcançar no campo da literatura para crianças e jovens.*

## O livro como instrumento de formação e desenvolvimento de crianças e jovens

*Em 1974, o IBBY realizou, pela primeira vez em sua história, um Congresso fora da Europa. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira da entidade, foi convidada a organizá-lo e o fez na cidade do Rio de Janeiro. O tema proposto foi dividido em oito subtemas, expostos por especialistas de diferentes países e estudados em seguida por grupos de participantes previamente inscritos.*

*O presente trabalho pretende dar uma visão geral do que foi ali discutido além das recomendações contidas no Relatório Final. Verifica, ainda, que muitos dos problemas apontados continuam existindo hoje, embora nas três décadas que nos separam daquele Congresso venha-se desenvolvendo um grande esforço no sentido de saná-los.*

**N**aquela terça-feira, dia 22 de outubro de 1974, mais de quatrocentas pessoas reunidas no Rio de Janeiro, no amplo auditório do Hotel Glória, para participar do 14º Congresso do International Board on Books for Young People (IBBY) ouviram seu então presidente, o finlandês Niilo Visapää, começar assim o discurso de recepção aos congressistas:

“Servindo-me das palavras que, bem escritas e bem enunciadas têm o poder mágico de abrir e fechar, experimento o sentido histórico deste momento: o IBBY atinge a idade adulta, saindo para o alto mar, como fez outrora Fernão de Magalhães, em busca de um



**FNLIJ**  
Notícias

**Suplemento**

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 27

mundo novo. Pela primeira vez seu Congresso bienal e sua Assembléia geral são realizados fora da Europa. Tal decisão reflete, por um lado, notável arrojo; por outro, tornar realidade este Congresso na América Latina, particularmente nesta próspera República Federativa do Brasil, se deveu à contribuição efetiva e prática das amáveis representantes deste País, Sras. Ruth Villela Alves de Souza e Leny Werneck, durante os últimos quatro anos, junto ao Comitê-Executivo e (com relação à primeira) no júri do Prêmio Hans Christian Andersen, sem esquecer os que as auxiliaram nesse esforço, seus funcionários e colaboradores.”

Talvez alguns dos presentes tenham se espantado com a informação ali contida: durante vinte anos o IBBY, organização internacional fundada pela alemã Jella Lepman em 1951 visando criar laços de amizade e conhecimento mútuo – que pudessem levar no futuro à paz universal –, através dos livros infantis, era na realidade uma instituição européia. Às vésperas da maioria de seus dirigentes encontram coragem para enfrentar o desafio de torná-la realmente internacional e para isso escolhem a pequena entidade brasileira nos seus anos iniciais de vida.

Ouvindo essa saudação, alguns momentos básicos dessa história passaram pela minha cabeça. O primeiro, quando numa reunião do Comitê-Executivo do IBBY, realizada em Viena nos dias 3 e 4 de setembro de 1972, a representante da Fundação, Leny Werneck ouviu proposta para que o Brasil sediasse o 14º Congresso a realizar-se dali a dois anos, em outubro de 1974. Chegando ao Rio de Janeiro, sede da FNLIJ, contou-nos a novidade dizendo que ficara de dar uma resposta logo que possível. A diretoria da Fundação, da qual à época eu fazia parte, ficou dividida entre as enormes perspectivas que a realização do Congresso abriria para o Brasil e para toda a América Latina e as possibilidades reais de uma entidade pequena, pobre e ainda pouco conhecida nos seus quatro anos de existência, obter os recursos necessários para tanto.

Em belo gesto de coragem, o Conselho Superior da Fundação, formado por diferentes entidades ligadas ao livro, decidiu aceitar o desafio e já na reunião seguinte do Comitê-Executivo do IBBY, realizada em Moscou, nos dias 20 a 22 de março de 1973, era aceito “com louvor” o tema proposto pela Seção Brasileira: “O livro como instrumento de formação e desenvolvimento de crianças e jovens”, assim como a

data 21 a 25 de outubro de 1974. Na mesma ocasião já se definia o método de trabalho elaborado por um grupo de colaboradores.

Logo surge o *slogan* para a divulgação: “O livro ensina a viver” e os subtemas, que seriam objeto de conferências, seguidas por reuniões dos grupos de trabalho, nos quais os participantes poderiam inscrever-se. Uma ficha de inscrição distribuída no início de 1974 e publicada no *Boletim Informativo* informava o local e o preço do hotel. Dizia ainda a notícia que haveria atividades paralelas, como uma exposição internacional de livros infantis e juvenis nos amplos espaços do Museu de Arte Moderna; um “Domingo da Fantasia”, atividade com crianças visando a desenvolver a criatividade, tendo por base as histórias dos livros infantis; a solenidade de entrega do Prêmio Andersen à autora (Maria Gripe, da Suécia) e ao ilustrador (Farshid Mesghali, do Irã) além, é claro, do *city-tour* pelos lugares turísticos do Rio de Janeiro.

Enquanto tudo isso era planejado, os responsáveis pela FNLIJ se desdobravam em contatos com as autoridades do governo para a obtenção de recursos. Assim, encontraram-se em Brasília com o Ministro da Educação que, entendendo a importância do evento para o Brasil, assegurou boa parte da verba necessária através de órgãos do ministério, como o Departamento de Assuntos Culturais e o Conselho Federal de Cultura; a Riotur facilitou os entendimentos com o hotel, as companhias de aviação e ofereceu o passeio turístico aos congressistas estrangeiros. Evidentemente, o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a Câmara Brasileira de Livros (CBL), membros fundadores da FNLIJ, empenharam-se ao máximo para ajudar-nos. Em julho de 1974 já havia 300 pessoas inscritas de mais de 20 países.

Todas as informações foram divulgadas pelo *Boletim Informativo*, criado no segundo ano de vida da Fundação, graças à visão de Ruth Villela Alves de Souza, bibliotecária especializada em livros para crianças e jovens e consciente da importância da documentação. Assim, ao escrever este trabalho, foi-me fácil levantar todos os dados em cada Boletim do número 20 até o 28, quando já há artigos que comentam o Congresso, então fato do passado.

Assim, a partir dos *Anais do 14º Congresso* tento descrever os principais pontos das conferências proferidas por alguns dos mais importantes especialistas internacionais da época e, em seguida, o Relatório

Final que reúne as principais sugestões dos oito grupos de trabalho que discutiram e aprofundaram os temas desenvolvidos.

Nos Anais encontram-se também as inúmeras comunicações apresentadas, aqui deixadas de lado por absoluta falta de tempo, bem como os discursos de agradecimentos dos agraciados com o Prêmio Andersen e a lista completa dos participantes.

Da América Latina tivemos representantes da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Da América do Norte, os Estados Unidos. Da Europa, Alemanha Ocidental e Oriental, Bulgária, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Inglaterra, Iugoslávia, Portugal, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia e União Soviética. Da Ásia, o Japão e o Irã. Da África, o Quênia. A UNESCO, a OEA e o CERLAL deram apoio irrestrito ao Congresso.

Na conferência inaugural, Heriberto Schiro, técnico da UNESCO e representante do Diretor Geral da entidade, acentua o crescimento do interesse pela literatura infantil “nos últimos anos” citando alguns congressos e encontros internacionais sobre o tema entre eles o “I Seminário Latino-americano de Literatura Infantil e Juvenil” organizado pela FNLIJ para a II Bienal Internacional do Livro de São Paulo em junho de 1972 e o Seminário Internacional de Literatura Infantil realizado pelo CERLAL (Centro Regional para a Promoção do Livro na América Latina) em Buenos Aires, de 22 a 27 de abril de 1974. Refere-se ainda à necessidade do aprimoramento da literatura infantil em qualidade e quantidade, pois ela é essencial à formação do hábito de leitura que se forma na infância, e comenta o fato de que o preço do livro, inatingível para as camadas menos favorecidas, transforma a leitura, necessariamente, em privilégio das minorias.

Heriberto Schiro lembra ainda que a problemática do livro em geral nos países em via de desenvolvimento se insere na perspectiva muito mais ampla da situação político-econômica e cultural desses países. Existem condicionamentos externos que escapam à nossa ação e provêm do nosso subdesenvolvimento. Explana em seguida como os diferentes graus de desenvolvimento nos países latino-americanos condicionam as diferentes etapas de criação, produção, distribuição, fazendo com que as etapas de desenvolvimento da indústria editorial sejam diferentes entre eles.

Menciona também a “circulação internacional”, mostrando o domínio das editoras estrangeiras sobre os nossos mercados e cita a opinião do teórico francês Marc Soriano sobre o assunto: “A aquisição de cultura pelos jovens não pode obter êxito senão na medida em que se coloquem, à disposição das crianças, livros que lhes falem de seu país e dos costumes que lhes são familiares. Só então, os jovens leitores chegarão a ser capazes de se interessar por outros livros e por outros países. (...) Em definitivo, o caminho mais curto entre uma criança e a cultura universal passa pelo descobrimento de sua própria cultura”.

Outro risco a evitar, lembra Schiro, consiste na grande produção de livros e escassez de leitores: um público imenso indiferente à oferta de uma leitura que não corresponde aos seus interesses e motivações profundas; que aprende a ler e logo o esquece, deixando-se levar pelos audiovisuais. A causa disso, aponta, é que a escola primária não cria os hábitos de leitura necessários para que o educando inicie, ao deixar a escola, um processo de educação permanente, o que provoca, na grande maioria dos países latino-americanos, o problema do retorno ao analfabetismo.

O representante da UNESCO termina sua fala lembrando a possibilidade de co-edições entre nossos países e garantindo o apoio da UNESCO através do CERLAL para um programa nessa área.

O primeiro tema que foi discutido e desenvolvido nos trabalhos de grupo foi “Literatura Infantil no Quênia: aspectos nacionais e internacionais”, apresentado por Francis Otieno Pala, da Biblioteca Nacional do Quênia. O conferencista usou dados estatísticos para mostrar que no país a população é predominantemente jovem e o analfabetismo prevalece. Decorrem daí duas conseqüências: os livros didáticos formam grande parte da produção, já que o objetivo maior é adquirir conhecimento. Por outro lado, há grande necessidade de boa literatura nacional, pois a maior parte do pouco que é publicado nessa área é tradução.

A maioria da população jovem é de origem africana, embora também se encontrem entre os leitores jovens asiáticos, árabes e europeus. Assim, o bibliotecário deve considerar essa diversidade ao selecionar a literatura juvenil. Outra observação importante refere-se ao fato de que a maior parte da população está na zona rural. Num levantamento feito pelo bibliotecário do setor infantil das bibliotecas municí-

país de Nairobi, surgiu o dado desanimador de que bem poucas crianças possuíam qualquer noção do uso e apreciação dos livros.

Quanto às preferências de leitura, as crianças do Quênia gostam dos contos de fadas de países distantes e apreciam particularmente as histórias do folclore africano.

Há poucos autores locais e poucos livros publicados no idioma nacional. Há apenas três ilustradores no país. Na época, estava para ser criado um prêmio para escritores de livros infantis.

“Felizmente existe no Quênia real interesse pela leitura, seja quando resulte em a criança acrescentar algumas palavras ao seu vocabulário de inglês ou swahili ou em aprender algo sobre as crianças das outras partes do mundo. Isso é estimulante e encorajador para o bibliotecário no Quênia moderno”, segundo Francis Otieno Pala.

Raoul Dubois, da seção francesa do IBBY, foi o expositor do tema “Renovação pedagógica e literatura para a juventude”.

Depois de apresentar dados estatísticos sobre o crescimento da produção de livros no mundo e lembrar que nem por isso o número de analfabetos diminuiu, ele chamou a atenção para a importância crescente de outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão, que não exigem o longo período preparatório de aprendizagem da leitura. É neste clima, no momento em que os modelos escolares tradicionais são contestados, que ele examina as relações entre a literatura infantil e o ensino da leitura.

Ao observar a evolução da escolaridade na França em 85 anos de vigência da escolaridade obrigatória, chega-se a algumas conclusões úteis para melhor compreensão do problema. Uma primeira etapa consiste na campanha entusiasta pelo “saber ler”. Há então na leitura uma espécie de valorização do indivíduo, de promoção social que leva ao livro e ao jornal. As bibliotecas escolares desempenham um importante papel cultural. Pouco a pouco, a associação do livro com a leitura se enfraquece, não encontrando senão uma pequena aplicação, na escola. O livro fica ligado a exercícios quase sempre pouco atraentes. Esquece-se assim uma das condições essenciais para a aprendizagem da leitura: a vontade do aprendiz-leitor de se apossar pela leitura de um instrumento cultural e a obrigação do educador de nunca desviar de seu sentido esta tomada de poder dele sobre o mundo. Além

disso, o livro não é mais a única solicitação de lazer oferecida à criança. Os meios audiovisuais de expressão e comunicação do pensamento que caracterizam a nossa época (rádio, televisão, cinema, etc), constituem uma “cultura paralela” que a atrai fortemente e a solicita sem trégua.

De fato, o aparecimento das “mass-media” coincidiu com um vasto movimento de democratização da cultura. Atualmente, a obrigatoriedade escolar faz ingressar no circuito cultural um grande número de crianças, que haviam sido anteriormente desviadas por causa da sua origem social e da falta de recursos de seus pais. Ora, a leitura, técnica complexa, é assimilada sem muito esforço pelos “herdeiros” das camadas sociais mais favorecidas, que dispõem, desde cedo, de hábitos intelectuais e do privilégio financeiro do seu meio. É um processo cultural que desvia, muitas vezes, grandes camadas da população infantil, relacionadas há pouco tempo com a escolarização e que não dispõem nem daqueles hábitos nem dos meios econômicos necessários para adquiri-los.

É preciso, pois, uma renovação pedagógica que leve em conta: a vontade de questionar um ensino baseado na autoridade do educador e na transmissão unilateral do conhecimento; a vontade de colocar em primeiro plano a alegria da criança, apelar para sua capacidade de iniciativa e dar oportunidade ao desenvolvimento de sua criatividade; a vontade de formar cidadãos ativos que tomem nas mãos os seus próprios destinos.

O tema seguinte “O livro infantil e a tecnologia de apoio por processos audiovisuais” foi defendido pelo brasileiro Nuno Veloso, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Depois de lembrar como o uso da imagem, do som, do cinema e até mesmo do olfato nos livros infantis tem demonstrado preocupação em preencher o vazio de informação das histórias escritas para crianças, o conferencista tece considerações sobre o hábito de leitura. Diz ele:

“Cada vez mais, a escola aparece como uma experiência periférica para a maioria, significando apenas a constatação de que se trata de um estágio, que não tem muito a ver com a educação. A verdadeira educação não pode prescindir de uma espécie de leitura que nem sempre é proposta pela escola.

Em virtude do impacto visual, as técnicas de apoio têm sido propostas como poderosos instrumentos

de aprendizagem, para atingir as crianças que perderam o interesse pelos métodos tradicionais de leitura ou que tiveram sua capacidade de leitura inexistente ou inadequada. É inteiramente possível que tais métodos possam dar alguma contribuição na formação do leitor fraco, pois não sabemos se o desânimo do mau leitor procede exatamente do fato de não saber ler ou da idéia, bastante generalizada, de que ler, num mundo de tecnologia avançada no campo da veiculação de comunicação, parece irrelevante e um desperdício de tempo.

Acreditamos, que, nesta área, também está havendo uma superestimação dos meios de auxílio audiovisuais. A menos que a mudança do meio seja acompanhada de uma mudança de mensagem, estaríamos nos iludindo julgando que pode haver um substitutivo para a leitura. E mesmo neste caso não haveria uma substituição e sim uma outra possibilidade de aprendizagem, mais ligada ao didatismo dos bancos escolares, do que ao processo de enriquecimento cultural oferecido pela literatura infantil.

Ressaltamos, ainda, a profunda convicção de que a maior parte das crises entre leitores e editores tem suas raízes no descompromisso, assumido pelos últimos, com o simples e puro hábito da leitura. Cada vez mais, seus títulos para leitores infantis e juvenis são reforçados por discos, fotografia em terceira dimensão, *slides*, filmes e cheiros e cada vez mais os jovens leitores carregam para a fase pré-universitária e para as universidades o hábito de não especular sobre as novas experiências que lhes são oferecidas, esperando por um esclarecimento posterior que se torna impossível quando se defrontar com as abstrações.”

O conferencista conclui lembrando a observação comum de que uma cultura baseada em clichês perde muito de sua criatividade. Ressalta que ficaria restrito o terreno das opiniões pessoais para as crianças alimentadas por estereótipos de som, cor, forma, tessitura e cheiro. O estado de dúvida enriquece, a partir do momento em que a criança tenta uma explicação para os conhecimentos que lhe são oferecidos por meio da leitura.

Rudo Moric, da Mladé Letá Editora da Tchecoslováquia, falou sobre o livro como meio de informação e desenvolvimento da leitura.

“O desenvolvimento harmonioso em todos os sentidos da personalidade infantil exige, desde a ida-

de pré-escolar, a criação de entrosamento entre a teoria e a prática, entre o universo estético e o universo real, entrosamento esse que constitui a base de sua formação futura. Neste campo de trabalho, é com auxílio do livro, e particularmente do livro infantil, que se pode influir sobre a vida afetiva e estética da criança, pois o livro infantil representa, por sua própria natureza, o ponto privilegiado de encontro entre duas artes: a da palavra e a da forma, isto é, o texto e sua ilustração – a imagem revela o texto, o texto revela a imagem e a eficácia do livro fica dessa forma aumentada. Todos nós fomos, em nossa infância, fortemente impressionados por um livro, do qual ainda conservamos a lembrança. Os livros influem pois muitas vezes sobre o caráter: não só durante a infância, como até mais tarde, na idade adulta, ainda se nota sua influência. Daí a razão por que os pais e professores de escolas maternais e primárias não podem negligenciar a força oculta do livro. Não é só a influência do livro sobre a vida emocional que está em causa; cumpre notar ainda a função primordial que desempenha na educação. É por esse motivo, aliás, que os livros destinados à infância devem possuir grande valor artístico, apresentando conteúdo rico, elevado e enriquecedor. A literatura constitui uma arte, mas também representa um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção da vida, suas idéias e seu gosto. O livro deve facilitar à criança a compreensão de certos fenômenos, proporcionando-lhe o melhor conhecimento de si própria, a fim de que aprenda desde cedo a viver uma existência rica e plena. É considerável, portanto, a importância da leitura como hábito permanente.”

•

Outro tema abordado foi “O público leitor e seu acesso ao livro”. Nelly Novaes Coelho, professora da Universidade de São Paulo, iniciou sua fala lembrando a complexidade da relação leitor/ livro num país “em desenvolvimento” como o Brasil, que recebe enorme influência cultural dos países industrializados. Conceitua o livro como veículo de cultura e simultaneamente produto de consumo já que, atuando numa sociedade capitalista, ele necessariamente desempenha as duas funções: a de ser instrumento de educação e instrumento de lucro. Sendo uma nação jovem em pleno processo de autonomia cultural e desenvolvimento econômico o problema se acentua.

Em seguida, traça um panorama estatístico do país em termos demográficos e de Educação, mostrando o desequilíbrio econômico e a deficiência cultural que leva à constatação de que o consumidor de livros infantis e juvenis pertence às classes sociais economicamente mais amparadas.

Há programas de caráter educativo de iniciativa governamental e particular que procuram atenuar os efeitos dessa disparidade. Foram criadas algumas bibliotecas infantis, bibliotecas escolares, organizam-se feiras de livros, exposições etc. insuficientes para atender à população do país.

A produção editorial, segundo o Anuário Estatístico de 1973, indica o lançamento de 400 títulos de literatura para crianças e jovens com uma tiragem total de 4.886.158 exemplares e ainda reedição de 166 títulos com tiragem de 1.801.500 exemplares. Existem cerca de 180 editoras funcionando regularmente no país e delas cerca de 40 publicam livros para a faixa infanto-juvenil.

Na preparação deste documento, a FNLIJ elaborou questionário enviado às editoras da área e pôde-se verificar, através das respostas, que dos 57 títulos de maior vendagem nas obras de 1972/73, 52 eram de autores brasileiros. As livrarias são o meio de distribuição mais utilizado. A partir de 1972, o Instituto Nacional do Livro, órgão do Governo Federal, que se ocupa da expansão cultural do país, iniciou o sistema de co-edições com as editoras privadas de modo a tornar mais acessível o livro para crianças e jovens. Assim, nota-se aumento dos títulos co-editados e de suas tiragens. A ênfase maior do programa é, evidentemente, dada ao livro didático já que a democratização do ensino é tema prioritário. Na área do livro de literatura, que aqui nos interessa, em 1973 foram co-editados 72 títulos, num total de 1.271.000 exemplares.

Tendo em vista o *processo de educação* que deve servir de base para a formação do público-leitor, Nelly Novaes Coelho apresentou estas propostas:

1. A organização imediata de Cursos Intensivos de Atualização, para aperfeiçoamento do pessoal docente, encarregado dos vários setores do Ensino de Literatura Infantil e/ou Juvenil. Esses cursos poderiam funcionar junto às Faculdades de Letras e de Educação; Bibliotecas; Instituições Culturais, etc. e terem a duração de três meses.
2. A criação da Disciplina de "Didática da Literatura Infantil e Juvenil" junto aos Cursos de Didática e

Metodologia nas Faculdades de Letras e de Educação. Essa Disciplina propiciaria a formação especializada de docentes que se destinem a trabalhar com crianças e jovens, no setor do Ensino do Vernáculo (Comunicação e Expressão) ou especificamente no do Ensino da Literatura nos vários níveis (1° e 2° graus – atualmente Ensino Fundamental e Ensino Médio).

3. Conseqüentemente, seria criada a Disciplina de Didática da Literatura Infantil, nos Cursos de Formação para o magistério do 1° Grau.

Já está mais do que sabido e provado que, se o processo da Educação não acompanhar passo a passo as medidas tomadas não só pela indústria editorial e pelo comércio livreiro, mas também por uma política cultural esclarecida, o objetivo final do incentivo à leitura não será atingido.

Tendo em vista maior *apoio e estímulo aos escritores para crianças e jovens*, foram apresentadas estas propostas:

1. Que se estimulasse a produção da *Crítica* ao livro infantil e juvenil, não só para a orientação dos pais, professores ou encarregados de escolher a leitura das crianças e jovens, mas também e principalmente para *orientação do próprio autor*, que via de regra fica sem saber por que seu livro agrada ou não agrada... se é por seu real valor (ou desvalor), ou por circunstâncias alheias a seu mister, que ele faz sucesso ou não.
2. Que fossem criadas em instituições qualificadas o serviço de "Crítica Orientadora". Especialistas em literatura, interessados em leitura para crianças e jovens seriam solicitados (ou se ofereceriam) para se inscreverem como críticos em tal função. O escritor, mediante uma taxa, inscreveria seu original para uma apreciação crítico-analítica orientadora. O crítico daria seu parecer esclarecedor que serviria, não só de diretriz para o autor em relação ao valor ou desvalor de sua obra, como também às editoras.

Evidentemente, vive-se agora no Brasil um período de transição, não só devido à aceleração do ritmo da vida moderna, que não propicia o necessário clima para concentração na leitura silenciosa e solitária, ou devido às formas fáceis de entretenimento (TV, cinema, revistas ilustradas, etc.) mas também devido

ao acelerado progresso da tecnologia que está em desequilíbrio com as crescentes necessidades humanas do povo.

Nosso mercado potencial é, sem dúvida, de grandes proporções, sua conquista deverá resultar de um trabalho conjunto, no qual as forças da Indústria e do Comércio se unam às da Educação e Cultura. Só nessa direção haverá possibilidade de sanar, a médio ou longo prazo, a distância atual entre o leitor e o livro.

•

“Criatividade e pesquisa no campo da produção de livros” foi o tema desenvolvido por Lucia Binder, do Instituto Internacional de Literatura Infantil e Pesquisa sobre Leitura – Áustria. Diz ela que o ensino moderno da leitura e as reformas educacionais exigem a inclusão da literatura infantil e juvenil no processo educativo. Em decorrência disso, ativaram-se as pesquisas sobre a leitura e como incentivá-la, sobre o comportamento do leitor e seus hábitos, obtendo-se muito conhecimento novo a respeito do jovem que lê.

Quanto ao editor, não só é necessário saber avaliar a criatividade do autor e o valor literário de seu trabalho, mas também ser informado sobre os fatos determinativos do sucesso de sua produção, com o pensamento voltado para o jovem leitor. Com esse objetivo, utiliza os resultados das várias pesquisas e planeja de forma sistemática o seu trabalho.

É evidente que não se pode prever antecipadamente qual será a aceitação do livro pelos jovens leitores. Mas o editor bem intencionado não limita seu interesse ao sucesso espontâneo daquilo que edita, visando igualmente ao futuro desenvolvimento do leitor: procura encontrar o meio termo entre o que *quer* a criança e o que ela *precisa*, para não estacionar em seu desenvolvimento e manter seu interesse como leitor. Agora chegamos ao problema revelado em diversas pesquisas feitas. Estatísticas de vários países mostram que a criança lê regularmente até a idade de 13, 14 anos. Atingida essa idade, cessa o hábito da leitura. Em parte isso se explica por dispor o aluno, durante o curso primário obrigatório, de maior oportunidade para ler. As bibliotecas são acessíveis, os professores o estimulam à leitura, e ele *precisa* ler determinados livros. Outra causa: ao sair da escola primária, quando passa a ler com independência, surge um espaço vazio na produção de livros. Vencida a etapa crítica do crescimento, os adolescentes não procu-

ram mais os livros juvenis nem os que revelam exagerado artificialismo e clichês.

Perde-se assim um leitor, porque ele desconhece o quanto a leitura pode exigir de quem lê. Evidencia-se aqui a falha na produção de livros para a fase etária dos 14-15 anos.

Pesquisas realizadas sobre jovens leitores e seu desenvolvimento psicológico permitem manter relativa continuidade na produção de livros, estabelecendo uma ponte entre uma e outra fase, de modo a preencher as necessidades dos vários tipos de leitor.

Além de levar em conta os interesses do leitor, importa igualmente determinar se ele possui conhecimento lingüístico adequado. Estudo realizado pelo Instituto de Literatura Infantil e Pesquisa de Leitura, de Viena, sobre o aproveitamento e o interesse literário de 3.000 crianças de 10 anos de idade, mostra a preferência dos leitores pesquisados pelos seguintes tipos de livros: histórias de aventura, sagas, contos realísticos envolvendo crianças com a idade deles. Nessas categorias, as obras de elevada qualidade literária tinham a mesma aceitação que as mediócras. Mas todos os livros tinham em comum o mérito de não serem muito difíceis.

A encadernação – a vestimenta do livro – é sempre importante. Há muitas indicações de que a brochura e o folheto desempenham importante papel, para certas áreas e grupos sociais. As pesquisas realizadas sobre utilização do tempo livre pelas crianças – onde, quando, quanto e por quanto tempo lêem – oferecem muitas sugestões aproveitáveis na edição de livros. A brochura cada vez se torna mais popular, pelo menos em países de língua alemã.

“Creio ser muito importante para o futuro trabalho com livros infantis colaborarem todos aqueles que preparam e editam (autores, ilustradores, editores, livreiros, etc.) com os pesquisadores, influenciando-se uns aos outros e cooperando cada vez mais para o sucesso do livro”, conclui Lucia Binder.

•

Outra editora, Bettina Hurlimann, da Editora Atlantis, da Suíça, falou sobre o equilíbrio entre recursos materiais e humanos na produção de livros.

Disse ela que não pode haver produção de livros para uso comum sem o auxílio de editores, publicistas e impressores. Eles constituem e representam a parte ligada às condições mais ou menos materiais para a realização dos livros. Os recursos que contribuem para formar e produzir o livro para crianças dividem-se

em financeiros ou materiais e outros, de natureza mais criativa e humana. Esse equilíbrio pode desaparecer se existirem no país artistas e escritores muito bons, (como tive a impressão que ocorria há alguns anos na Venezuela), enquanto escasseiam editores e impressores interessados ou com bastante experiência para utilizar os recursos artísticos encontrados no próprio país, solicitando a colaboração dos artistas nacionais para ilustrar sua literatura clássica ou moderna.

Alguns artistas desses países publicam livros maravilhosos em editoras americanas de Nova York, que sabem trabalhar no seu setor e os encorajam. Agora, porém, nota-se melhoria em toda parte mostrando, não obstante, que países ricos em recursos criativos, dotados de recursos financeiros, como a Venezuela, podem não ser ricos em literatura infantil, produzida *in loco*.

Cabe citar outro país asiático, o Japão, onde igualmente pouco existia de tradicional nesse campo, mas onde subitamente, há menos de vinte anos, alguns livreiros começaram a entrosar os recursos criativos japoneses com as necessidades infantis, no período de pós-guerra, com novas tendências educacionais.

Esses editores usaram de forma inteligente as possibilidades da impressão em massa, com boa qualidade, utilizando o melhor da tradição artística, combinado com o espírito moderno, absorvendo além disso o que encontraram de melhor nos outros países.

Hoje, os japoneses participam do comércio internacional de livros, imprimem até para editoras ocidentais e seu programa de livros para o nível de jardim da infância é dos mais ricos do mundo, e certamente o mais rico da Ásia, influenciando bastante outros países. O *equilíbrio* entre recursos criativos e materiais parece ser mais ou menos perfeito, notando-se entre alguns editores a exata consciência da tarefa humana e educativa que lhes compete.

Eis aí o *Problema n.º 1*: só haverá boa produção de livros quando os editores souberem reconhecer e utilizar os dotes artísticos existentes no país e conseguirem orientá-los de modo útil.

*Problema n.º 2*: Não pode haver produção boa e útil de livros sem bons tipógrafos. Estes, como os editores, estão relacionados com os recursos comerciais, na produção de livros infantis. Mas precisam também ser dotados de alguma criatividade, quando bem entrosados como aqueles.

O livro infantil ilustrado não é um manuscrito pintado a mão, como eram conhecidos nos mosteiros da época medieval. São livros geralmente produzidos aos milhares, embora possam valer tanto quanto esses manuscritos, para a criança que os manuseia.

Quando existe entrosamento perfeito entre o editor, o impressor e o artista, mesmo o livro produzido em massa, com 5 a 50 mil e até mais exemplares pode apresentar toda a beleza de um trabalho de arte, exercendo a mesma influência mágica sobre a criança, que vê somente o seu livro, como se fosse o único exemplar no mundo. Para dar à criança essa sensação preciosa e singular, é necessário existir cuidadosa cooperação entre as diversas pessoas envolvidas.

•  
Agnya Bartho, da União de Escritores Soviéticos, falou sobre o treinamento de especialistas para a produção de livros infantis, em resumo, o que se segue:

Um “especialista envolvido na confecção e produção de livros para crianças” é uma profissão muito significativa. Desde os tempos em que a nossa jovem República Soviética estava atormentada pela fome e pela devastação, nós já fazíamos tentativas para elevar o nível cultural do povo. Foram feitos milhões de livros baratos para as massas. E, embora tenham sido impressos em papel de embrulho, sem qualquer capa ou ilustração, levaram ao povo as obras de Leon Tolstoi, Pushkin, Tchekhov, Shakespeare, Balzac, Dickens e Cervantes.

Entretanto, para que um livro seja feito, é necessário muito mais do que o autor: deve-se acrescentar a contribuição do editor, ilustrador, crítico, vendedor e até do próprio leitor – eu mencionei o leitor por uma razão especial. Quando, em 1933, uma editora chamada Detgiz foi organizada especialmente para a publicação de livros infantis, Maxim Gorky, o grande escritor russo de quem partiu esta iniciativa, fez, em primeiro lugar, uma pesquisa de opinião, para saber o que preferiam ler. Ele sonhava com uma literatura feita especialmente para crianças, que servisse para educar e elevar o membro desta nova sociedade; resumindo, um tipo de literatura digno desse nome. O apelo feito por Maxim Gorky às crianças, através da imprensa não caiu em ouvidos surdos. A reação foi grande e imediata. As crianças mandaram suas respostas em folhas de cadernos escolares, com comentários muito persuasivos, embora às vezes algumas palavras tivessem erros de grafia. Essa correspon-

dência deu uma base da ampla variedade de interesse das crianças soviéticas.

Eles disseram a Maxim Gorky que estavam interessados em tudo – contos de fadas e histórias de folclore, ficção científica e fantasia, livros sobre heróis da Revolução, histórias sobre “como a amizade modifica as pessoas”, sobre “todas as espécies de pássaros” e sobre “espécies de árvores”. As crianças maiores queriam “um livro bem grosso onde as aventuras de seus heróis favoritos nunca terminassem” e os mais novos preferiam “livros finos porque os livros grossos se arrastavam indefinidamente e é difícil esperar para ver como vai acabar”.

Em resposta a todas essas cartas, a editora acima mencionada, a Detgiz, se preparou para lançar livros, grossos e finos, para crianças de todas as idades entre 2 e 15 anos – prosa, poesia, novelas históricas, biografias, ficção científica e ciência popular. Hoje em dia, essa mesma editora publica praticamente todos os tesouros de nossa literatura clássica, para todas as idades, assim como muita coisa escrita para adultos, incluindo os esforços dos autores das várias repúblicas nacionais, que, com o cunho de nacionalidade acrescentado, enriquecem a literatura soviética. Os autores clássicos estrangeiros são constantemente publicados e republicados, assim como a literatura moderna, tanto do mundo socialista quanto do Ocidente.

Esta Editora – que tem hoje em dia o nome de “Detskaya Literatura”, ou seja, “Literatura Infantil”, em russo, é hoje em dia a mais importante nesse campo dentro do país. Existem várias outras editoras que publicam livros para crianças em edições maciças.

Os livros infantis são sempre muito baratos. Assim, um livro de figuras coloridas destinado a crianças pequenas, publicado em edições de 450 mil exemplares, custa sempre menos de oito copecks, ou seja, exatamente o custo de duas viagens de ônibus, pois em Moscou o preço do ônibus é de 4 copecks, para qualquer distância.

A Detskaya Literatura e as demais editoras mantêm o que é conhecido por “Casas de Livros para Crianças”. Estas são, na realidade, centros de pesquisa destinados à investigação dos hábitos de leitura das crianças, e o que acontece aos livros depois de sua publicação.

Embora as universidades não tenham cursos obrigatórios sobre literatura juvenil, esta é oferecida em todas elas, como opcional. As universidades da

Lituânia e Karelia abriram centros de pesquisa sobre literatura juvenil. Cursos sobre esse mesmo assunto são oferecidos nos departamentos de estudos literários em escolas normais e colégios com nível universitário. Como podem ver, todos os estudantes que estudam para ser professores primários, em qualquer idioma nacional soviético, terão necessariamente que fazer um curso sobre literatura juvenil, familiarizando-se com todos os seus problemas. Finalmente, todos os que se preparam para trabalhos culturais e de biblioteca têm que receber cursos sobre literatura juvenil clássica soviética e estrangeira.

Para resumir, existem na União Soviética algumas centenas de milhares de pessoas que já fizeram cursos sobre esse assunto, enquanto estudantes. Como resultado, virtualmente todas as crianças do nosso país – que tem uma população de 250 milhões – serão treinadas por pessoas que farão o possível para lhes inculcir bons hábitos de leitura.

O grande crítico literário russo, Vissarion Belinsky, observou certa vez que uma pessoa já nasce escritor de livros infantis. Entretanto, seria errado pensar que talento é suficiente. Se alguém quiser manter-se em dia com as rápidas modificações por que passam as gerações mais jovens, tem que se manter em constante contato com essas mesmas gerações.

Todos nós que escrevemos e publicamos livros para crianças na União Soviética, temos em mente uma meta comum, que é a de preparar as gerações que surgem para a vida que os espera. Uma literatura saudável e atraente desperta emoções e pensamentos nobres.

O Relatório Final do Congresso, redigido por Ann Beneduce, do Children's Books Council, dos Estados Unidos, Leny Werneck, da FNLIJ e membro do Comitê Executivo do IBBY, e Dusan Roll, da Bial International de Bratislava, Tchecoslováquia, dizia o seguinte:

De 21 a 25 de outubro de 1974 estiveram reunidos no Rio de Janeiro cerca de 400 representantes de 26 países, da UNESCO e do CERNAL, para o 14º Congresso do IBBY, International Board on Books for Young People, a fim de estudar o tema: “O LIVRO COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO JOVEM.”

Os participantes trabalharam em oito grupos com os temas das conferências aqui já vistas.

Após os debates em grupos, foram realizadas 3 sessões plenárias para a apresentação das conclusões e sugestões.

Das idéias e sugestões apresentadas na conferência, ao serem debatidos os relatórios, foram selecionados pontos que pareceram mais importantes, significativos e de maior atualidade.

Estas sugestões podem ser sintetizadas em 4 temas gerais, para um **programa de ação**:

1. O livro infantil, sua criação, produção e promoção.
2. A aproximação criança-livro.
3. A formação e a preparação do adulto para fazer a aproximação entre a criança e o livro.
4. O trabalho internacional com o livro infantil.

## PROGRAMA DE AÇÃO

### O livro infantil, sua criação, produção e promoção

A literatura infantil deve ser encarada por todos como parte integrante da cultura de cada sociedade.

Autores e editores devem tomar consciência dos problemas concretos da juventude atual, dando condições para que ela encontre suas respostas.

É importante que cada país encoraje seus artistas e ilustradores, com incentivos especiais à criação de livros que tenham raízes na cultura da sua própria sociedade, sem, entretanto, excluir traduções e adaptações que possam contribuir para o enriquecimento cultural das crianças.

Todos concordam em que existe a necessidade e o problema de produzir livros de boa qualidade para crianças, a baixo preço e em grandes tiragens; mas a alta no preço do papel agrava este problema. Isto cria o perigo de haver bons livros apenas para crianças privilegiadas e, neste sentido, todo o esforço deve ser feito para evitar tal seletividade, a fim de que todas as crianças tenham acesso ao livro. Em muitos casos, faz-se necessária a ajuda econômica do governo ou de instituições, sob a forma de co-edições, financiamentos ou aquisição de grandes quantidades para distribuição. É preciso sustentar o mercado de livros de boa qualidade para superar a produção unicamente voltada para fins de consumo.

Quanto à distribuição, observa-se que o livro não sai dos principais núcleos urbanos em se tratando dos países subdesenvolvidos, sobretudo porque os eventuais compradores não têm poder aquisitivo para atender, primeiro, a suas necessidades vitais.

A televisão, o rádio, jornais e revistas, meios de comunicação da indústria cultural, podem ser utilizados como instrumentos eficazes na promoção de bons livros para crianças.

Especialistas de reconhecido valor devem ser aproveitados em planejamento de programas de informação e crítica de livros infantis, bem como na criação de programas para crianças.

Prêmios e exposições que valorizem bons autores e ilustradores contribuem para criar um interesse maior por bons livros infantis. Catálogos e listas de livros recomendados por especialistas e instituições devem ser colocados ao alcance de todos os interessados na compra de livros de boa qualidade.

### Aproximação criança-livro

Por melhor que seja o livro, torna-se inútil se não chega às mãos da criança para quem foi criado. Entre os muitos meios de aproximar o livro da criança, um dos mais eficientes é a biblioteca escolar, começando do jardim de infância.

As autoridades e o público devem ser convencidos da necessidade de haver, em cada escola, uma biblioteca, organizada e cuidada por pessoas especializadas.

Recomenda-se, também, a criação do Clube do Livro, meio já adotado em vários outros países.

É sabido que a leitura da criança e do jovem deve estar integrada à vida familiar tanto quanto à da escola, sendo a biblioteca um centro cultural ativo. Entretanto, cumpre assinalar que, na maioria dos casos, o exemplo ideal de pais que têm o hábito de ler e estimular seus filhos a lerem está longe de ser uma realidade.

É necessário que se faça um apelo às autoridades e professores, como também e principalmente aos pais, a fim de que compreendam a importância da leitura na formação da personalidade de seus filhos, e contribuam, de forma ativa, para alcançar nossos objetivos comuns. A literatura infantil constitui um problema comum à família, à escola e a todas as instituições educativas.

Como estímulo aos pais, de modo a torná-los mais conscientes da importância da boa leitura para as crianças, recomenda-se que haja livros de literatura infantil e juvenil em centros comunitários, clubes, jardins de infância e clínicas, que os pais costumam frequentar diariamente.

## **A formação e a preparação do adulto para fazer a aproximação entre a criança e o livro**

Convém lembrar que a literatura infantil, ainda que tenha um alto lugar na pedagogia, não está a seu serviço. Ela é independente de sistemas escolares e, por isso mesmo, o estudo desta literatura é indispensável na formação dos educadores de todas as disciplinas e de todos os níveis.

É necessário que haja a integração entre pedagogia e literatura infantil, a partir do trabalho em sala de aula. Embora se reconheça que a literatura não está a serviço dos manuais escolares (livros didáticos), não se pode esquecer que esses manuais são também livros. É preciso encará-los com responsabilidade criadora, pois um manual inadequado pode ser um antilivro.

É imprescindível que a criança entre em contato com instrumental de boa qualidade, com o bom livro de leitura, que deve estar presente em sua sala.

Para a formação de professores, bibliotecários, livreiros e editores, é indispensável a realização de estudos científicos sistemáticos por especialistas em ciência literária, em colaboração interdisciplinar com especialistas em sociologia, psicologia do desenvolvimento, folclore e outras atividades afins. Para tanto, é desejável que se proponha estimular a investigação no campo da literatura infantil, mediante a criação de cursos de nível universitário e o estabelecimento de institutos e centros de documentação que tenham a possibilidade de patrocinar investigações sistemáticas, abrangendo não somente a problemática da literatura infantil e sua avaliação, mas também a psicologia do jovem leitor e seus hábitos de leitura, despertando e fomentando o indispensável prazer da leitura.

## **O trabalho internacional com o livro infantil**

As experiências dos últimos anos vêm mostrando claramente que a investigação no campo da literatura infantil e de sua integração na pedagogia é difícil de ser alcançada sem o intercâmbio de idéias e resultados de estudos e especialistas.

A par de pesquisas e estudos a serem desenvolvidos em nível nacional, os encontros internacionais devem continuar, a fim de garantir abertos os canais de comunicação, de modo a que os países possam ajudar-se uns aos outros pelo intercâmbio e partilhamento de experiências.

Além dos congressos internacionais, recomenda-se que sejam promovidos congressos em nível nacio-

nal e regional para o estudo dos problemas locais.

Esta mesma política deve ser adotada no campo da produção de livros infantis e juvenis. Devem ser encorajadas as traduções de livros de superior qualidade, assim como a formação de tradutores especializados, que conheçam tanto a língua quanto as possibilidades de leitura da criança. Os acordos internacionais sobre direitos do autor devem ser cuidadosamente observados, para proteger escritores e ilustradores.

Cabe advertir, neste particular, quanto às cópias mimeografadas dos textos de literatura infantil e juvenil, interditadas pela Convenção de Genebra, mas de uso freqüente nas escolas, mesmo com a biblioteca funcionando.

Editores de diferentes países podem se associar na produção e na criação de livros, de modo a reduzir os custos e, ao mesmo tempo, procurar assegurar que seu conteúdo atenda às necessidades individuais das crianças de cada país, com a aplicação de lei que recomende às editoras a edição proporcional de autores nacionais e estrangeiros.

É necessário ainda que haja listas de livros recomendáveis à tradução e que estas, preparadas por especialistas que tenham visão internacional, sejam amplamente divulgadas e postas à disposição dos interessados.

Como conclusão, é preciso afirmar que todos aqui, nestes dias, trabalhamos animados pelo lema da UNESCO, LIVROS PARA TODOS, e a ele acrescentamos: O MELHOR PARA A CRIANÇA.

Completam-se agora 29 anos da realização do 14º Congresso do IBBY no Rio de Janeiro. Nesse período, a entidade tornou-se realmente internacional, congregando 64 países e realizando seus encontros nos diferentes continentes, sempre atenta às diversas perspectivas culturais de seus membros. O Comitê Executivo e o júri do prêmio Hans Christian Andersen também buscam na diversidade de visões de seus integrantes o enriquecimento da literatura para crianças e jovens.

A América Latina organizou mais um Congresso – o do ano 2000 – na bela cidade de Cartagena de Índias, na Colômbia, demonstrando então o quanto cresceu o interesse pelo tema no Novo Mundo. No entanto, se observarmos com cuidado os pontos assinalados no Relatório Final do Congresso do Rio de

Janeiro, verificaremos que apesar de todos os avanços – tais como o espantoso crescimento da produção de livros infanto-juvenis em vários países, o surgimento de editoras que se dedicam a essa área onde antes nada existia, os inúmeros livros, ensaios e teses universitários abordando aspectos teóricos do gênero – alguns problemas apontados ainda estão longe de encontrar solução.

Não chegamos, por exemplo, a um equilíbrio entre traduções e a criação de textos enraizados nas diferentes culturas: em muitos países permanece o predomínio do livro estrangeiro. Continuamos não tendo escolas para a formação de ilustradores, embora tenhamos verdadeiros talentos na área; o preço continua sendo muito alto para o padrão financeiro da grande maioria de nossas populações; a distribuição da produção pelo interior de nossos países continua a ser um problema insolúvel, assim como a pouca divulgação que a literatura para crianças e jovens encontra nos meios de comunicação, em toda a América Latina.

No Brasil – e penso que a questão também persiste nos demais países – o número de bibliotecas ainda é insuficiente e a biblioteca escolar, quando existe, tem acervo pequeno para um atendimento eficiente aos alunos. Os professores não recebem a formação necessária para fazerem da leitura o instrumento essencial de crescimento intelectual, que ela é. Na maioria das vezes não são eles próprios bons leitores.

Poucas são as universidades que mantêm cursos específicos sobre o tema. Quando o fazem é como especialização e não no currículo básico dos cursos de Letras e Educação como seria o ideal.

A pesquisa interdisciplinar no campo da literatura infantil de forma sistemática ainda não foi considerada com seriedade e as entidades que tentam realizá-la lutam para obter recursos financeiros para sua sobrevivência. Em um país de proporções continentais como o Brasil o analfabetismo continua sendo o grande desafio agravado agora pela consciência de que não basta ensinar a ler, mas é necessário que a leitura se torne uma necessidade permanente e portanto de que o acesso ao livro e ao material impresso em geral seja democratizado através de uma ampla rede de bibliotecas.

É inegável, no entanto, que crescemos muito e que nossos países têm hoje um contato bastante mais estreito do que há três décadas passadas. Estamos no caminho certo, sem dúvida. Basta termos paciência, vontade e a certeza de que nossos homens públicos estão cada vez mais convencidos de que a educação trará o esperado desenvolvimento e disponibilizem cada vez mais recursos para aprimorá-la.



**Laura Sandroni** nasceu no Rio de Janeiro em 1934. Formou-se em administração na Fundação Getúlio Vargas e fez Mestrado em Literatura Brasileira na UFRJ. Em 1968, fez parte do grupo que criou a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), seção brasileira do IBBY, entidade pioneira no estudo e promoção de livros para crianças e jovens, dirigindo-a até 1984. Em seguida, trabalhou na Fundação Roberto Marinho, criando seu núcleo de estímulo à leitura, hoje extinto. Desde 1996 integra o Conselho Diretor da FNLIJ. Escreveu resenhas de livros de literatura para crianças e jovens para o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, de 1975 a 2002. Coordenou diversos projetos de estímulo à leitura, sendo o mais conhecido a “Ciranda de Livros” que distribuiu 60 títulos de 60 autores brasileiros a 35 mil escolas de todo o país. Tem quatro livros publicados e inúmeros ensaios em revistas especializadas do Brasil e do exterior, além de ter traduzido obras para crianças. Em 2001 foi eleita para integrar o júri do Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY e reeleita em 2003.

---

## Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 27

Parte Integrante do *Notícias 6* - vol. 26/2004

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra; Fitolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers

literatura brasileira para crianças e jovens tinha obtido mais esse reconhecimento internacional.

Claudia Pinto fez os contatos com a imprensa, enviando releases. A ampla divulgação contou com o apoio do Instituto Ecofuturo, da jornalista Luciana Savaget e de muitos outros sócios, mantenedores e amigos. O empenho de todos resultou em diversas matérias publicadas em alguns dos principais jornais do país. Também foram feitas reportagens e entrevistas com a autora para a TV. Foi uma alegria contagiante podermos ver Lygia Bojunga no Jornal Nacional, da TV Globo, em 2 de abril de 2004; no Espaço Aberto, na GloboNews, em 8 de abril e na TVE – Rede Brasil, em entrevista como jornalista Roberto D’Avila, em

16 de abril. A tela da TV, de repente, se tornou um espaço muito especial, onde foi possível ver o brilho de nossa artista maior.

No dia 26 de maio, Lygia Bojunga recebeu o Prêmio das mãos da Princesa Victoria, no parque Skansen, em Estocolmo, numa bela cerimônia que contou com a presença do 1º Ministro Göran Persson, da Ministra da Cultura Marita Ulvskog, de membros do júri e de diversas personalidades, entre elas o nosso Ministro da Cultura, Gilberto Gil, que se encontrava na Suécia.

Lygia Bojunga será a grande homenageada do 6º Salão do Livro para Crianças e Jovens, da FNLIJ. Nossa instituição ofereceu um estande para sua editora, a Casa Lygia Bojunga.

No nosso informativo de maio, tivemos a alegria de dar a notícia, que também está na página da FNLIJ na Internet. E, agora em junho, trazemos a entrevista que Lygia Bojunga deu para o jornalista e escritor Márcio Vassallo, especialmente para o *Notícias*. A secretária geral encomendou a Márcio essa entrevista, logo após a divulgação da notícia de que Lygia havia recebido o Prêmio ALMA.

Essa edição do nosso informativo traz, ainda, depoimentos de personalidades que têm acompanhado e participado da trajetória da autora, mensagens de congratulações enviadas à FNLIJ por ocasião do recebimento da notícia, para serem encaminhadas à Lygia, e o *clipping*, com trechos de reportagens publicadas nos principais jornais do país.

## Pelas frestas da palavra

**Lygia Bojunga comemora a conquista do prêmio ALMA, fala sobre a importância de aprimorarmos o olhar e diz que a liberdade pressupõe maturidade**

*Márcio Vassallo*

**FNLIJ: Você ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, em 1982, considerado o Nobel da literatura infantil e juvenil, e agora conquistou o importantíssimo Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA), concedido pelo governo sueco. Em que aspectos esses prêmios internacionais mais deram susto no seu coração? Ou será que prêmio dá surpresa, mas não dá susto?**

**Lygia Bojunga:** O Hans Christian Andersen me deixou muito feliz. Na época, concorri a esse prêmio indicada pela FNLIJ, seção brasileira do IBBY. Por sua vez, a conquista do ALMA me deixou ainda mais surpresa, porque não teve indicação de ninguém, de nenhuma instituição, de nenhuma editora. Assim, como não sabia da minha candidatura, eu não considerava a hipótese de ser escolhida, nem passava pela minha cabeça ganhar. E também fiquei muito feliz com essa conquista, puxa.

**FNLIJ: Que tipo de leitura mais te assusta de lindeza, mais te deslumbra, mais te inquieta, mais te perturba, mais te seduz?**

**L. B.:** Revendo os meus casos de amor literário, sempre fui apaixonada por escritores altamente imaginativos. A imaginação, de fato, é o que mais me apaixona num autor. Nunca me liguei tanto em romances policiais, ou em textos muito realistas. As minhas paixões sempre foram Edgar Allan Poe, Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges, Monteiro Lobato... O Lobato extrapolou a imaginação nos livros infantis dele, que me pegaram para valer.

**FNLIJ: Você costuma falar sobre a diferença que os livros fazem na vida de uma pessoa. Aliás, você conta que viveu essa experiência desde cedo e que ela se renovou de muitas formas. Renovar a experiência de ler é essencial para uma pessoa gostar cada vez mais da literatura?**

**L. B.:** Acho que sim. Para mim, o que me dá mais prazer é reler um livro que eu gostei. É aí que você vê como um livro é rico, é aí que você vê como um livro tem várias leituras...

**FNLIJ: E como você mudou ao longo dessas releituras...**

**L. B.:** Exatamente, exatamente. É o espelho. É um espelho precioso. Acho que nem mesmo o bom teatro, que eu tanto amo, é capaz de nos passar esse espelho que a literatura nos dá. Porque a intimidade com um livro nos transforma, essa intimidade nos transforma mesmo. Dependendo das circunstâncias pode até não ser para melhor. Mas, de um modo ou de outro, nós vamos sair do outro lado como seres enriquecidos.

**FNLIJ: Ler é um enriquecimento inevitável?**

**L. B.:** Sim, é um enriquecimento inevitável. E à medida que avançamos na vida, vamos percebendo mais e mais o quanto determinados livros nos enriqueceram.

**FNLIJ: Será que você sempre presente quando um livro vai fazer diferença na sua vida, ou às vezes só percebe muito**

**tempo depois que ele realmente fez essa diferença?**

**L. B.:** Não é sempre, mas acho que em geral, nem que seja intuitivamente, percebemos na hora que um livro está fazendo diferença na nossa vida, que um personagem nos provoca uma identificação tão forte que ele passa a ser revelador para nós. Mesmo que não saibamos equacionar muito bem isso intelectualmente, sentimos isso emocionalmente. Geralmente sabemos quando um livro, quando uma frase, quando um personagem é importante na nossa vida. Sabemos bem quando um personagem abre uma cortina para nós...

**FNLIJ: E quando essa cortina abre a gente por dentro?**

**L. B.:** É isso aí, nem que seja por uma fresta. Abrir a gente por dentro é sempre importante.

**FNLIJ: Acima de tudo, de que forma o leitor te abre, Lygia?**

**L. B.:** A tarefa do escritor só se completa com o leitor. Por outro lado, durante muito tempo, você pode escrever e guardar os seus textos na gaveta e não ter leitores. Fiz isso durante anos. Eu escrevia porque tinha que escrever. Escrevi realmente durante muito tempo, desde criança, passando por toda a minha adolescência, mas não dava forma para os meus textos, não me preocupava com a linguagem, com nada, porque sabia que aqueles textos refletiam estados de emoção e descoberta muito meus, que eu não mostraria para ninguém.

E realmente não mostrei, porque rasguei tudo. Até me arrependo de ter rasgado esses escritos. Mas sei que se fosse hoje acabaria rasgando tudo de novo. Porque aqueles textos não eram mesmo para serem compartilhados. Eram coisas muito minhas, e eu sou uma pessoa muito ligada à privacidade. Mas depois que passei a me dedicar à literatura, depois que passei a me dedicar a escrever profissionalmente, o leitor passou a ser absolutamente essencial para mim.

**FNLIJ:** Em *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*, você reflete muito sobre a sua experiência de leitora e também sobre a sua visão de escritora. E revela o quanto foi confuso o seu primeiro encontro com a página em branco. “Eu estava tão condicionada a comprimir os meus personagens em tantas falas, tantas cenas, tantas laudas, sabendo que era só deixar eles se mostrarem mais um bocadinho que lá vinha o verbo arrepiante: CORTA! que eu fiquei cheia de dedos pra fazer uso da liberdade que eu sentia o tempo todo me rondando. A liberdade de fazer uma cena, um parágrafo, um capítulo do jeito que a minha imaginação pedia e não do jeito que esperavam de mim.” A sua imaginação sempre lhe pede e lhe dá mais do que você imagina?

**L. B.:** Ah, nós temos um potencial inesgotável. E quanto mais coisas tiramos de nós, mais coisas crescem. Da mesma maneira, quanto mais exercitamos a imaginação, mais ela se abre. Então, nesse exercício, muitas vezes, a nossa imaginação nos surpreende. De fato, é fascinante quando a imaginação cria coisas insuspeitadas. Ler é o exercício que mais ativa a imaginação. A imagem nos estimula até certo ponto, mas ela está aí, pronta, para a vermos. Por sua vez, temos que ativar o nosso cérebro para decifrar as palavras.

**FNLIJ:** Mesmo que um livro não nos fascine, nós temos que decodificar o texto...

**L. B.:** Sem dúvida, e é esse exercício que vai nos abrindo, nos abrindo, nos abrindo cada vez mais.

**FNLIJ:** Outro dia, no programa *Fantástico*, da TV Globo, o médico Drauzio Varella afirmou que ler faz bem para o cérebro, e lembrou que essa é uma constatação científica. Realmente é um fato comprovado pela ciência. Então, bem que o Ministério da Saúde poderia investir no incentivo à leitura no Brasil, você concorda?

**L. B.:** Concordo totalmente. E olha que coisa, eu acabei de receber um convite da

escritora Nilma Gonçalves Lacerda para abrir um simpósio sobre o tema, no Fundão, mas infelizmente não vou estar aqui. Pela primeira vez foi criado um simpósio para discutir a importância do livro na saúde. Isso é mesmo comprovado por médicos e cientistas, que vão revelar nesse evento casos de pessoas que se recuperaram. A Nilma, que é encantadora, ficou me contando, pelo telefone, casos e casos de adolescentes, que estavam inteiramente largados, sem reagir, em hospitais, e que quando entraram em contato com os livros e com a leitura, começaram a reagir, começaram a se recuperar. Além de tudo de bom que provoca, ler gera uma irrigação no cérebro, isso é incrível.

**FNLIJ:** Para provocar tudo de bom no leitor, o autor precisa saber conduzir a sua liberdade na escrita. Também em *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*, você escreve: “Era só eu cismar que eu botava o Maracanã cheinho dentro duma cena. E ninguém ia me perguntar se era eu que pagava o cachê das duzentas mil pessoas. E era só querer, que eu fazia cena atrás de cena só com um gato-pingado. Ou sem nenhum. Eu podia fazer um capítulo de três linhas. Ou de três páginas. Ou de trinta. Nossa! Querendo eu botava um barco dentro do livro. Eu botava bicho. E ainda por cima fazia ele falar. E fazia o barco chorar, tá bem? Puxa, eu podia tudo. Aquela sensação de liberdade começou a me deixar meio delirante (não é à toa que hesitam tanto em dar liberdade pra gente...): agora eu vou fazer uma cena de cabeça pra baixo; agora eu vou fazer um capítulo do lado avesso; agora eu vou escrever uma linha plantando bananeira. A minha escrita foi ficando uma confusão.” Liberdade demais dá em confusão?

**L. B.:** Acho que dá sim. A liberdade pressupõe uma maturidade. Mas como a nossa espécie demora muito para amadurecer, ainda mais em lugares onde a liberdade tantas vezes foi cerceada, há realmente o perigo de se criar uma confusão. Porque, de repente, se abre um espaço e a pessoa não está preparada para aquilo. Por outro lado, se você aprende a se preparar para a liberdade, ela se torna um bem insubstituível.

**FNLIJ:** A liberdade sempre precisa da maturidade por perto?

**L. B.:** Sem dúvida. A nossa espécie é desordenada, é imatura. Ainda temos muito chão para andar, até amadurecermos como seres humanos. Basta olharmos para o nosso planeta, que vamos ver o que está acontecendo aqui no Brasil e em outros

países. Felizmente, há os que sabem fazer bom uso da liberdade.

**FNLIJ:** Você de novo, no mesmo texto de *Livro*: “Mas, pela primeira vez na vida, eu me dava ao luxo de ficar corrigindo e reescrevendo o meu texto, na tentativa de suavizar um pouco os solavancos da minha prosa (até então a minha escrita profissional tinha sido feita em diálogo, o máximo de prosa que eu escrevia era um parêntese indicando pro ator o que que o personagem fazia, aqui ele vai tossir vai chorar vai espirrar).” Sua prosa ainda lhe dá muitos solavancos? Será que dar solavanco nas palavras te suaviza por dentro?

**L. B.:** Ainda luto bastante com a palavra. E acho que, na realidade, quando digo que ainda luto com a palavra, estou sendo pretensiosa, porque todo escritor vai lutar com a palavra até o fim da vida. Como já dizia o Drummond, “lutar com as palavras é a luta mais vã...” Mas, para mim, essa não é uma luta tão difícil quanto a de quando eu saí do diálogo (na época em que escrevia para o rádio e para a televisão) para a narrativa, na literatura. E eu fui buscar na narrativa o que eu já buscava no diálogo, que é a nossa música, a nossa sonoridade. Por isso é que não sou tão deslumbrada por ter meus livros traduzidos em vários idiomas. Tenho certeza absoluta de que o meu esforço nessa área é quase todo perdido, ainda mais porque não existem tantos tradutores de português. Eles tentam ser fiéis ao enredo, à idéia, à natureza dos personagens, mas traduzir a sonoridade da língua é muito difícil.

**FNLIJ:** É feito tentar traduzir música? É possível fazer uma bela tradução da letra de uma música, mas traduzir a melodia é impossível...

**L. B.:** Exatamente, é isso mesmo. Acho que a tradução, por melhor que seja, não consegue refletir o som, a melodia, o ritmo, o jogo de corpo de um texto. E nem sei se eu consigo botar esse som, essa melodia, esse ritmo, esse jogo de corpo na minha narrativa. Tudo o que escrevo está sempre longe do que eu gostaria de conseguir.

**FNLIJ:** Isso te angustia?

**L. B.:** Ah, sim, isso me angustia. Porque eu tenho a sensação de que nunca vou chegar lá.

**FNLIJ:** Será que essa sensação, de alguma forma, alimenta a sua busca?

**L. B.:** Acho que sim, acho que sim. Talvez seja uma das coisas que me movam para frente. Mas os meus livros demoram a sair, o meu processo é longo. Outro processo difícil, agora, tem sido reler os meus próprios livros, para reeditá-los. No início foi mais ou menos como fazer uma exumação.

**FNLIJ: Uma auto-exumação...**

**L. B.:** É, uma auto-exumação, olha que coisa. Essa é uma experiência meio terrível. E quando comecei a reler os textos, fiquei na dúvida se deveria ou não retrabalhar cada livro. Na ocasião, o Peter (que não dá muita opinião sobre os meus textos) me disse assim: “Mas o que é isso, então toda vez que você fizer a releitura de um livro você vai mudar cada texto?” Aí fiquei pensando nisso e (contrariando o meu costume) consultei umas quatro ou cinco pessoas que realmente eu prezo muito a opinião literária. E a reação foi igual a do Peter. Todos acharam que eu não deveria mudar nada, a não ser corrigir eventuais erros ortográficos, ou resolver alguma coisa que tenha passado, mas todos me disseram que, de fato, eu não tinha o direito de recriar os textos.

**FNLIJ: Mas você ficou tentada de recriar esses textos, não?**

**L. B.:** Claro, claro, eu fiquei muito tentada. E pensava: “Agora eu diria isso assim, agora eu não diria isso dessa forma...” É um processo muito curioso, eu te confesso que é muito curioso. E vou te dizer uma coisa: a criação é muito cheia de mistérios. Várias vezes eu li trechos de livros meus e tive a mesma sensação que tenho quando leio textos escritos por outras pessoas. E eu queria descobrir em mim a Lygia que tinha escrito aquilo, e não conseguia. É uma coisa realmente curiosa. Sabe, muita gente me disse que essa experiência de editar os meus próprios livros seria uma loucura. E eu acho que é uma loucura mesmo. Mas para mim tem sido uma experiência tão rara. Eu confesso que não ia me perdoar de sair da vida, de sair desse meu relacionamento com o livro, sem ter trilhado esse caminho, sem conhecer assim de perto todo esse percurso do objeto livro. Tem dias que eu enlouqueço, mas são poucos.

**FNLIJ: Você tem enlouquecido cada vez mais ou cada vez menos?**

**L. B.:** Tenho enlouquecido cada vez menos. Estou aprendendo muita coisa. Essa experiência realmente tem me enriquecido muito. E até parti para um tipo de criação diferente. Estou escrevendo textos em que eu conto episódios relacionados à história de cada livro meu. Muitas vezes interrompi leituras de livros, para imaginar a história do objeto livro: o que rolou, por onde ele andou, o que foi preciso fazer para ele chegar aqui ou lá. Sempre gostei de ficar imaginando isso. E agora, estou incluindo nas novas edições dos meus livros, publicados pela Casa, esses depoimentos num capítulo extra chamado “Pra você que me lê”. Mas agora já estou sentindo falta dos meus personagens.



Na Casa Lygia Bojunga, em Santa Tereza, Rio de Janeiro, a autora recebeu vários telefonemas, do Brasil e do exterior, congratulando-a por ter sido a única vencedora do Prêmio ALMA.

**FNLIJ: E eles já estão sentindo a sua falta.**

**L. B.:** Tomara, tomara...

**FNLIJ: A crítica literária Laura Sandroni é uma das mais profundas conhecedoras dos teus personagens. Num texto, ela escreve: “Como é que Lygia consegue ser sempre original, ir tão dentro da personagem que inventa, descrevê-la numa linguagem tão sua, tão clara, tão rica?” Ser original é um dos grandes desafios de um escritor. Será que você teve essa preocupação no início?**

**L. B.:** Não, eu nunca tive essa preocupação. Acho que foi uma coisa natural. Do mesmo modo que uma das coisas que mais me enlouquecem é quando me perguntam para que idade é um determinado livro meu. Eu nunca sei responder isso, não sei para que prateleira ele vai na livraria. É o livro que vai encontrar o seu próprio caminho.

**FNLIJ: Posso te contar uma história?**

**L. B.:** Claro, claro, me conta.

**FNLIJ: Outro dia fui a uma escola, conversar com crianças da quarta série, e depois do encontro, com a melhor das intenções, uma professora me perguntou: “Me diga uma coisa, você também escreve livros para a terceira série?” E eu disse a ela, bem baixinho, que não era um escritor serial.**

**L. B.:** Olha que coisa. É muito impressionante que uma pergunta assim parta de uma professora. O que é escrever para a terceira série? É como se todas as crianças da terceira série fossem iguais.

**FNLIJ: É como se tivesse uma caderneta da terceira série dentro da idéia do menino...**

**L. B.:** É por aí, é por aí. E, por essas e outras, antes de tudo, o Brasil precisa fazer uma grande revolução investindo no professorado. A maior parte do investimento da educação tem que ser dirigida para o aperfeiçoamento dos professores.

**FNLIJ: Trecho do seu livro *Meu Amigo Pintor*: “Eu não sei se eu já nasci desse jeito ou se eu fui ficando assim por causa do meu amigo pintor, mas quando eu olho pra uma coisa eu me ligo logo é na cor. Gente, casa, livro, é sempre igual: primeiro eu fico olhando pra cor do olho, da porta, da capa; só depois eu começo a ver o jeito que o resto tem (...). O meu amigo me disse que quanto mais a gente prestava atenção numa cor, mais coisa saía de dentro dela.” Você também gosta de entrar nas cores?**

**L. B.:** Gosto muito. Mas só passei a realmente me ligar nas cores mais tarde, quando comecei a me interessar por pintura e por artes plásticas. Não que eu quisesse me exercitar nisso, porque eu já vinha da paixão pelo teatro para a paixão pela literatura...

**FNLIJ: Aí seria paixão demais para um corpo só?**

**L. B.:** Ai, acho que sim, aí seria paixão demais para uma só mulher. Mas olha, quando passei a prestar atenção na pintura e nas artes plásticas, comecei a descobrir quantas coisas podem sair de dentro de uma cor. E aí entra o exercício de olhar, que é uma das primeiras lições para quem quer estudar pintura. O pintor tem que prestar atenção na maneira com que ele olha as coisas. Em geral, olhamos tudo muito superficialmente, até encontramos o foco do nosso próprio olhar.

**FNLIJ: Também em *Meu Amigo Pintor*, você escreve: “Pra mim, vermelho é cor de coisa que eu queria entender (...). Pra mim morte também é coisa vermelha, coisa difícil de entender. Mas se ela vem feito ela vem pra tanta gente todo o dia, aí fica mais fácil um pouco de sacar. Então, eu vim pra casa com aquela frase voltando sempre na minha cabeça: ele morreu que nem todo o mundo um dia morre. E aí aconteceu uma coisa que eu achei bem legal: foi nascendo um amarelo lá dentro do meu vermelho.” Escrever, para você, é achar amarelo dentro do vermelho? Ou será que você nem sempre escreve para achar alguma coisa?**

**L. B.:** Não, não tenho que necessariamente achar um amarelo dentro do meu vermelho. Acima de tudo, escrevo para dar um mergulho dentro de mim mesma. E nesses mergulhos acabo fazendo grandes descobertas. Escrever, para mim, é um exorcismo

permanente, é uma catarse, é uma mexida interior.

**FNLIJ:** Num dos diálogos do seu livro *Retratos de Carolina*, a protagonista pergunta à outra menina se ela sabe escrever corrido. E a menina responde que isso depende de não ter palavra que a gente tropeça. Tirar o tropeço das palavras é uma busca de todo escritor, ou tem texto que é para ter tropeço mesmo, tem texto que é para ter queda?

**L. B.:** Ah, tem texto que é para ter tropeço mesmo, tem texto que é para ter queda sim. E nesses tropeços, nessas quedas, eu gosto de ficar numa boa, o dia inteiro, tirando uma palavra daqui e botando lá. Não entendendo como alguém pode ser escritor, se acha um suplício esse processo de escrever e (re)escrever. Afinal, tem tantas coisas mais fáceis para se fazer na vida.

**FNLIJ:** Outro trecho de *Retratos de Carolina*: “Uma vez, falando de segredos, o pai da Carolina disse pra ela que a vida é um grande segredo, que vai se desvendando devagar, à medida que a gente vive. Disse que quanto mais a gente presta atenção nele, mais ele se mostra. Mas disse também que, por mais que a gente preste atenção nele, ele jamais se mostra todo. Carolina logo se interessou pelo Grande Segredo. Quis saber mais.” Depois, o pai da Carolina explica a ela que cada pessoa vê esse grande segredo por frestas diferentes. Por quais frestas você mais gosta de es-

piar a vida, por quais frestas você mais gosta de ser espiada?

**L. B.:** A fresta pela qual eu mais gosto de ser espiada é como escritora, é por meio do livro. E eu gosto de observar as pessoas, não necessariamente conversando com elas. Eu gosto mesmo é de observar. Acho que observar, de certa forma, aumenta a liberdade de quem escreve, de quem cria. E os verdadeiros criadores, em geral, são seres neuroticamente apegados à liberdade.

**FNLIJ:** Quem cria está preso a esse desejo de liberdade?

**L. B.:** Sim, sim, esse é um dos mais belos paradoxos de quem trabalha com a criação.

**FNLIJ:** Outro trecho do mesmo livro: “A imagem das frestas se instalou na imaginação de Carolina. Numa porta que ia se abrindo, mas não se abria; numa fenda que riscava o muro; na folha de uma janela que quase se encontrava com a outra, Carolina adivinhava uma fresta importante; tentava espiar por ela; e bastava ver alguma coisa que, pronto: já achava que tinha desvendado mais um pedacinho do Grande Segredo.” Olhar é uma forma de desvendar esse grande segredo?

**L. B.:** Sem dúvida. Olhar é um exercício que amplia as nossas próprias frestas.

**FNLIJ:** Dos segredos vamos para os desejos. Em *A Bolsa Amarela* você conta a história de uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família por reprimir três grandes vontades, que ela esconde numa bolsa: a vontade de crescer, a de ser garoto e a de se tornar escritora. E a história da Raquel começa assim: “Eu tenho vontade de achar um lugar pra esconder as minhas vontades.” Onde é que você esconde as suas próprias vontades?

**L. B.:** Nunca fui muito de reprimir uma grande vontade não, seja em que área for. É claro que eu nem sempre consegui concretizar todas as minhas vontades. Mas os meus

grandes desejos sempre foram suficientemente grandes para me fazer ir atrás deles. Quando era pequena, infernizei a vida da minha mãe, porque eu não me contentava em simplesmente sonhar com determinadas coisas, sem realmente lutar por elas.

**FNLIJ:** Num trecho da orelha do seu livro *Rio e Eu* (editora Salamandra), a Secretária-Geral da FNLIJ, Elizabeth D’Angelo Serra, escreve: “Lygia nos ensina, sem ser intencional, através da sua relação com o Rio, a aprender a ver/ler o que está perto, parado ou em movimento. Ensina a escutar/ver, para entender, buscando um elo entre nós e a coisa. E o faz de maneira muito especial.” Nesse momento de tanta violência no Brasil e no mundo, pouca gente fala sobre a importância de olharmos nos espelhos da rua e de enxergarmos nesses espelhos as nossas próprias diferenças refletidas. Para onde a gente mais tem olhado, para onde a gente mais precisa olhar?

**L. B.:** Para onde a gente tem mais olhado, disparado, é para o consumismo. É claro que a grana faz parte da nossa vida e não podemos viver sem ela. Mas os excessos que a sociedade vem cometendo em nome do dinheiro têm tido um efeito devastador na vida das pessoas. E temos que olhar mais, sinceramente, para a cultura e a educação. Sem cultura e educação o Brasil não vai chegar a lugar nenhum. O país continua investindo muito pouco em cultura e educação. Diante da tremenda necessidade da vasta maioria do nosso povo, o investimento nessas áreas ainda é realmente muito baixo.

**FNLIJ:** Dentro dessa questão de incentivo à leitura, como você observa o trabalho da FNLIJ?

**L. B.:** O trabalho da FNLIJ é valiosíssimo. Muito desse *boom* da literatura infanto-juvenil brasileira se deve aos esforços da Fundação. Sei o quanto é difícil manter a Fundação. A FNLIJ tem que contar com mais apoio e mais investimentos. As pessoas que trabalham pela FNLIJ são verdadeiras heroínas. É um grupo muito coeso, que tem feito muito pela leitura e pela literatura no Brasil. O Salão do Livro para Crianças e Jovens, por exemplo, é um sucesso enorme, é uma iniciativa extraordinária da FNLIJ, que vem despertando cada vez mais novas gerações de leitores.

**FNLIJ:** E a sua própria fundação, Lygia?

**L. B.:** Estou começando a formar o desenho dessa fundação na minha cabeça. Na verdade, eu não planejava pensar nisso agora. Mas com o prêmio ALMA, acabei ace-



Lygia Bojunga e sua assistente editorial Vera Abrantes, na residência da autora, um dia após terem recebido a notícia do Prêmio ALMA.

lerando esse processo. Ainda não posso detalhar o projeto, porque acho que é como um livro. Está muito no começo, não dá para visualizá-lo tanto. E, da mesma forma que a gente só conhece o próprio livro conforme ele é escrito, só vou conhecer de verdade a minha fundação quando começar a fazê-la. E eu pretendo começá-la o mais rápido que puder.

**FNLIJ:** Mais um pensamento seu: “A minha ligação com casas foi sempre muito forte. No princípio eu fazia casa pra

brincar: me fingia de construtora e usava livros pra fazer de parede, de telhado, de degrau. Mais tarde eu fazia casa pra morar: desenhava a casa que eu queria construir ou reformar, ia fazendo (ou refazendo) ela aos poucos, levava anos a fio, não fazia mal: fazer e refazer era bom.” Em que aspectos tocar parar frente sua própria editora, a Casa Lygia Bojunga, tem sido um fazer e um refazer?

**L. B.:** Apesar dos obstáculos, dos desafios e de tudo o que eu já sabia que teria

de enfrentar, esse meu novo relacionamento com o livro tem realmente me enriquecido muito, mesmo com todo o trabalho, mesmo com todo o tempo que vem me tomando as minhas atividades de escritora. Mas a editora já assinou um acordo para que a escritora volte aos seus personagens.

**FNLIJ:** Esse acordo foi assinado com testemunhas?

**L. B.:** Com testemunhas secretas, com testemunhas secretas.

## Depoimentos sobre Lygia Bojunga

*Solicitamos os depoimentos:*

- da escritora Ana Maria Machado, que incentivou Lygia Bojunga a participar do Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY, como ela relata a seguir (Lygia recebeu a medalha do HCA em 1982, e Ana Maria Machado em 2000);
- da especialista em literatura para crianças e jovens Laura Sandroni, uma das fundadoras da FNLIJ, que

*destaca ter sido para ela “um privilégio poder acompanhar desde o início a carreira de Lygia Bojunga”;*

- dos editores de Lygia – Paulo Rocco, seu primeiro editor, hoje presidente do SNEL; Marcia Hardmann e Regina Lemos, da editora Agir; Maria Amélia Mello, da editora José Olympio;
- e da parceira de trabalho Vera Abrantes, assistente editorial da Casa Lygia Bojunga, que falou de sua emocionante convivência com a escritora.

**Ana Maria Machado – escritora, vencedora do Prêmio HCA em 2000:**



“Quando, em 1977, fui escolhida para jurada do Prêmio Andersen e passei seis meses lendo os melhores livros infantis do

mundo todo, me dei conta de algo que nem desconfiava: embora não se candidatasse, o Brasil não faria má figura entre os melhores dos melhores. Além de autora que mal começava a publicar em livros (como vários outros) eu era crítica e professora de literatura na universidade. Constatei que o que estávamos escrevendo por aqui tinha uma originalidade e uma qualidade que eram raras no panorama geral. Na volta da reunião, em 1978, comecei a insistir para que apresentássemos esses novos autores como candidatos. A começar por Lygia Bojunga, então com apenas uns cinco livros publicados. Insisti para que os traduzisse para o inglês, para que o júri pudesse ler. Tive a alegria de ver que eu estava certa: em 1980 ela empatou com o vencedor até a última rodada e em 1982 ganhou esse prêmio

biênal. Para mim não foi surpresa nenhuma, eu apostava no valor dela. Mas em geral, foi uma sensação e um impacto com a qualidade da literatura infantil brasileira. Esse encantamento foi depois confirmado pelas sucessivas traduções e premiações de vários outros autores nossos em diferentes países: Ruth Rocha, Marina Colasanti, Ziraldo e tantos outros.

Agora, mais uma vez, a obra de Lygia explode num estouro merecido, ganhando esse prêmio ALMA, acompanhado de valores numéricos jamais recebidos por qualquer autor brasileiro, em qualquer nível, em qualquer gênero. O júri ficou tão empolgado com a obra dela que, mesmo com a previsão regulamentar de distribuir essa quantia entre um autor, um ilustrador e uma instituição que trabalhe consistentemente com o estímulo à leitura, preferiu concentrar tudo numa coisa só: a obra escrita de Lygia Bojunga. É ou não é uma consagração? O Brasil inteiro festeja essa gaúcha querida, certo de que fomos todos premiados para sempre. E num abraço apertado e carinhoso parafraseia os versos de Garcia Lorca em sua homenagem ao toureiro Ignacio Sanchez Mejía: “Tardará muito tempo em nascer (se é que nasce) outra escritora tão clara, tão rica de ventura.”

**Laura Sandroni –**



**especialista em literatura para crianças e jovens, escritora, membro do Conselho Diretor da FNLIJ:**

“Um dos privilégios que tive na minha

lida constante com a produção literária brasileira destinada a crianças e jovens foi poder acompanhar desde o início a carreira de Lygia Bojunga. Desde *Os colegas*, vencedor do Prêmio Instituto Nacional do Livro/72, passando pelos três títulos seguintes – *Angélica*, *A bolsa amarela* e *A casa da madrinha*, que tive o prazer de editar para a AGIR, vi que estava diante de um grande autor, daqueles que surgem para ficar.

Mergulhei fundo nas histórias de Lygia ao escrever minha dissertação de mestrado – *De Lobato a Bojunga, as renaixências renovadas* – depois publicada pela mesma AGIR, na certeza de estar diante de uma obra literária da melhor qualidade, o que o Prêmio Hans Christian Andersen, por ela recebido em 1982, veio comprovar.

Agora, diante do Prêmio Astrid Lindgren, fico feliz por mais esse reconhecimento internacional do talento de Lygia e repito o que um jurado do Andersen disse, há trinta anos sobre a sua obra: 'Ainda que profundamente fiel às fontes brasileiras, tem ressonância universal. Vai ser um clássico mundial'. Dito e feito."

**Márcia Hardmann – editora de vários livros de Lygia, publicados pela editora Agir:**



"O prêmio ALMA chegou para consagrar a maturidade do fazer literário de

Lygia. Lygia e alma, alma e Lygia se confundem, se mesclam, se abraçam e se aplaudem.

Que Carolina (do livro *Retratos de Carolina*) convoque os irmãos para comemorar em Casa! Que Lygia permaneça e autêntica artesã da palavra: executiva, porém jardineira e mulher!" (Solicitamos à Márcia Hardmann que a frase inicial de seu depoimento fosse usada como título da matéria de capa.)"

**Maria Amélia Mello – editora de Lygia na José Olympio:**



"Lygia Bojunga, assim como sua obra, sempre foi muito especial para mim. *Os colegas* esteve na José Olympio até este ano, quando passou a ser editado pela

Casa Lygia Bojunga, em sua 50ª edição.

O que mais me marcou em Lygia, além de seu talento, é o lado pessoal dessa grande autora. Ela é uma pessoa que tem o domínio de si, de sua própria vida, ela faz as coisas com paixão.

Tenho mais de 20 anos de convivência com Lygia. E sinto um grande orgulho de tê-la como amiga, de saber que vivemos numa mesma época, num mesmo tempo.

Lygia é uma pessoa profunda em tudo que realiza. Tenho grande admiração por tudo que ela faz e pelo que ela é, uma pessoa inteira objetiva, apaixonada, cristalina. O prêmio que ela recebeu representa um motivo de orgulho para todos nós, brasileiros."

**Paulo Rocco – 1º editor de Lygia e presidente do SNEL:**



"Conheci Lygia Bojunga quando trabalhava na editora Sabiá. Ela havia ganhado um prêmio literário com seu

primeiro livro infantil, *Os colegas*, ilustrado por Gian Calvi. Falei com os editores Rubem Braga e Fernando Sabino, sugerindo que publicássemos o livro. Desde essa época, acompanho os passos vitoriosos dessa autora, que vem levando para fora do Brasil o melhor de nossa literatura infanto-juvenil.

Acreditamos que é essencial apostar cada vez mais na difusão da literatura de qualidade para crianças e jovens, pois estamos, assim, formando novas gerações de leitores e qualificando os jovens para o futuro."

**Vera Abrantes – assistente editorial da Casa Lygia Bojunga**



"Conheci efetivamente Lygia Bojunga no dia 16 de janeiro de 2003 (meu 1º dia de trabalho na casa Lygia Bojunga). De lá para cá, tenho vivido

momentos bastante intensos, enriquecedores e, às vezes, enlouquecedores – não é, Lygia?

Trabalhar com Lygia tem sido, a cada dia, reforçar conceitos muitas vezes esquecidos, como **amizade, convivência, liberdade...**

Ah! Já ia me esquecendo de mais duas palavras: **reconhecimento e oportunidade.**

A Lygia Bojunga, o Astrid Lindgren Memorial Award veio trazer, novamente, **reconhecimento.** Para mim, a Casa Lygia Bojunga veio trazer a maior **oportunidade** profissional."

**Regina Lemos – editora de livros de Lygia Bojunga publicados pela editora Agir**



Para falar sobre Lygia Bojunga e sua trajetória na literatura brasileira, eu poderia privilegiar a

reflexão sobre a maneira como a escritora conjuga a narrativa em primeira pessoa e o recorte fotográfico de suas vivências e, por este viés, fazer a leitura de seus contos e romances. Mas creio ser mais interessante que esse texto recaia sobre a dissolução das fronteiras entre realidade e ficção, no sentido de pincelar sobre a produção literária de Lygia Bojunga, e apresentar uma visão panorâmica de sua ficção.

Em se tratando de autor brasileiro, reconhecido por sua obra voltada para a literatura infanto-juvenil – nesse sentido vale salientar que Lygia sempre disse não escrever exclusivamente para esse público, que são os críticos que o dizem, que ela escreve para o leitor em geral –, sempre se fala de Monteiro Lobato e a importância desse autor em suas vidas. Isso todos nós sabemos. Mas, e depois? É como se houvesse um "Antes de Monteiro Lobato, e depois de Monteiro Lobato", onde se encontra não só Lygia, mas também Ana Maria Machado, Ruth Rocha, e tantos outros mais. Creio que o que a diferencia dos demais é seu enfoque personalíssimo, o movimento reflexivo da literatura da autora, por aceitar a provocação dos jogos intertextuais que a constituem. Assim, de acordo com o viés de leitura que se adota em cada um de seus textos, por conta dos interlocutores que ela elege, podemos acompanhar o movimento constante que sua obra realiza entre o dentro e o fora, entre o próprio e o alheio e entre autor e leitor, até chegarmos em *Retratos de Carolina*, seu mais recente texto, onde outros códigos são incorporados e autor e leitor se confundem, num jogo constante onde a leitura também se deslocaliza.

**Para o júri sueco:**

As histórias de Lygia Bojunga "de uma forma profundamente original, reúnem o riso, a beleza poética e humor absurdo, realçando a liberdade, a crítica social e uma forte solidariedade pelas crianças desprotegidas."

**Membros do júri do Prêmio ALMA:**

Janne Lundström, Larry Lempert, Birgitta Fransson, Annika Lindgreen, Ulla Lundqvist (e outros).

## FNLIJ divulga o Prêmio recebido por Lygia Bojunga para a imprensa e para autores, jornalistas, editores, bibliotecários e leitores em geral do Brasil e do exterior

Na página da FNLIJ na Internet – [www.fnlj.org.br](http://www.fnlj.org.br) – foi colocado um “banner” em homenagem à Lygia Bojunga, trazendo informações importantes sobre o Prêmio Astrid Lindgren.

O “banner” divulga aos sócios da FNLIJ e aos internautas que visitam o site que Lygia Bojunga foi a única vencedora do Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA).

Na página, também pode-se acessar o artigo “O universo ideológico de Lygia Bojunga”, no qual Laura Sandroni, especialista em literatura para crianças e jovens e membro do Conselho Diretor da FNLIJ, analisa algumas das principais obras da autora.

Para a Feira de Bolonha, a FNLIJ confeccionou dois *posters*, depois doados pela FNLIJ à Suécia.

Diversas reportagens foram publicadas em jornais da Suécia e de outros países, nas quais foram citados dados biográficos, bibliográficos e informações sobre a obra de Lygia que tomaram como ponto de partida os textos enviados pela FNLIJ. Dentre eles, o *Newsletter*, informativo do IBBY, de abril de 2004.

A FNLIJ enviou e-mails para autores, jornalistas, editores, bibliotecários do Brasil e do exterior, com a seguinte mensagem:

“É com muito orgulho e alegria que a FNLIJ comunica que Lygia Bojunga é a única vencedora do Prêmio Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA).” A seguir, foram acrescentadas as informações já citadas acima.

Na divulgação da conquista do Prêmio ALMA, o Instituto Ecofuturo se mobilizou, enviando releases para a imprensa

O Instituto Ecofuturo também enviou nota para a imprensa, divulgando o Prêmio recebido por Lygia, fazendo importantes contatos para entrevistas e reportagens nos principais jornais e na TV

Estes foram o título e a introdução do release enviado pelo Ecofuturo, com foto da autora;

“Escritora brasileira ganha o maior Prêmio internacional de literatura infantil e juvenil – O Instituto Ecofuturo, como parceiro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, tem o prazer de comunicar uma vitória inédita para a literatura infantil e juvenil brasileira.”

Na divulgação feita pelo Ecofuturo, colaboraram Christine Fontelles (Diretora de Educação e Cultura do Ecofuturo) e Andrea Tissenbaum.

Foram recebidas inúmeras respostas para essa mensagem, para serem reencaminhadas a Lygia, dentre as quais citamos algumas:

“Para todos os escritores, ilustradores, especialistas, editores, bibliotecários, docentes e demais integrantes da Associação Argentina do Livro Infantil e Juvenil (ALIJA) é uma grande felicidade saber que a nossa escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes tem sido laureada com o Prêmio Internacional Astrid Lindgren.

A Lygia abriu para nós todos um mundo novo, onde crianças e adultos, realidade e magia, subconsciente, poesia e compromisso com a democracia e a justiça coexistem. A América Latina é maior, mais

rica e melhor graças ao continente imaginário que ela abriu para nós todos.”

*Joel Franz Rosell e outros*

Comisión Directiva de ALIJA – Asociación del Libro Infantil y Juvenil de Argentina

“Sí, es una gran alegría y realmente fantástico que Lygia Bojunga será honrada com el Premio Astrid Lindgren!

Espero mucho que esa distinción ayude a que el mundo de la literatura infantil y juvenil (especialmente los editores europeos...) presten más atención e interés tanto en la obra de Lygia como en la literatura infantil y juvenil de Brasil y de otros países latinoamericanos, en general.”

*Jochen Weber*

Sección Ibérica e Iberoamericana do IBBY

“Que maravilha! Acabei de receber o e-mail sobre o prêmio de Lygia Bojunga. Estamos todos, brasileiros, mais que orgulhosos e de parabéns!

*Amélia Lacombe*

“Essas notícias maravilhosas devem mesmo ser espalhadas aos quatro ventos. Já mandei uma mensagem para a Lygia e acho que, hoje, como eu, muitas pessoas vão sentir ‘o peito em festa e o coração a gargalhar!’”

*Bia Hetzel*

“Vocês não imaginam com que orgulho fiz uma exposição dos livros da Lygia Bojunga agora há pouco. Sinto como se a laureada fosse uma parenta minha.

Temos todas as sete traduções ao suco dos livros dela mais os originais em



No Palácio Real, em Estocolmo, a escritora Lygia Bojunga e o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, encontraram-se com a H.M. Rainha Sílvia, da Suécia. A foto de Lars-Erik Örthlund, divulgada no site do Prêmio ALMA – [www.alma.se](http://www.alma.se) – foi cedida para publicação no *Notícias/FNLIJ*.

português e algumas traduções ao espanhol!

Elisabeth Nilsson do Conselho de Cultura telefonou dando os parabéns, já que estive meio envolvida na busca dos livros que o júri procurou. Ela manda lembranças e agradecimentos à Fundação e a Elizabeth pela ajuda.”

*Helena,*  
da Biblioteca de Karlstad (Suécia)

“Com o orgulho e fraternal satisfação, a Associação de Escritores e ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil parabeniza Lygia Bojunga, grande inovadora de nossa arte e ofício, pela obtenção do prêmio

Astrid Lindgren Memorial Award – 2003, pelo conjunto de sua obra.”

*Luiz Antonio Aguiar*  
Presidente da AEI-LIJ

“Através desta Fundação, gostaríamos de parabenizar a Sra. Lygia Bojunga como única vencedora pelo prêmio Astrid Lindgren Memorial Award-2003 no mérito do conjunto de sua obra.

Como brasileiros nos orgulhamos pela valorização à cultura nacional, desejando felicitações pelo mérito do seu sucesso.”

*Mônica Dias Pinto*  
Gerência de Desenvolvimento  
Institucional FRM/Canal Futura

O fato do Prêmio ALMA ir para Lygia é também uma vitória da FNLIJ. Ao longo dos anos, todos vocês da seção brasileira do IBBY têm, persistentemente, promovido a literatura brasileira para crianças em todo o mundo de forma sistemática e profissional, abalizando e divulgando excelentes escritores e ilustradores de seu país. Esse prêmio é a expressão máxima de admiração e apreciação internacional da cultura brasileira.

*Leena Maissen*  
Ex-diretora executiva do IBBY

## Notas e reportagens sobre Lygia Bojunga em jornais, revistas e na TV

### JORNAL DO BRASIL

Primeira página do Jornal do Brasil

#### 'NOBEL'

*Prêmio à obra de Lygia Bojunga*

A escritora Lygia Bojunga, consagrada autora de livros infantis, recebeu ontem o prêmio Astrid Lindgren Memorial, criado pelo governo sueco. Com mais de 20 títulos publicados e 34 prêmios, como o Jabuti e o Molière, Lygia usará os US\$ 675 mil para lançar uma fundação cultural com seu nome destinada a incentivar a leitura entre jovens sem acesso aos livros. Desde 2002 ela reedita a própria obra. Lygia: “Foi por unanimidade, uma grande surpresa.”

No miolo do jornal, pág. A17, na reportagem de Cecília Gianetti, além das informações sobre o Prêmio, temos uma entrevista com a escritora. Lygia destaca que “nem sempre sua obra foi uma unanimidade”, pois alguns críticos implicavam com o texto coloquial da escritora. “Já fui muito criticada por buscar sempre esse tipo de escrita, por transgredir regras gramaticais. Mas sacrifiquei qualquer regra para obter o ritmo de fala que eu quero. Não abro mão disso” – rebate a autora.

JB – Ano 113/nº 345/Rio de Janeiro, 18 de março de 2004.

### O GLOBO

18 de março de 2004, pág. 11

*Obra de Lygia Bojunga é premiada pela Suécia – Escritora vai ganhar US\$ 675 mil pelo Astrid Lindgren, o segundo maior depois do Nobel.*

Lygia Bojunga ganhou ontem, pelo conjunto de sua obra, o prêmio Astrid Lindgren do Livro Infantil e Juvenil, concedido desde 2002 pelo governo sueco. A autora de “A bolsa amarela”, “Corda

bamba” e muitos outros títulos, que em 1982 foi a primeira brasileira a ser agraciada com o Hans Christian Andersen, o mais tradicional do mundo para a literatura infantil, foi a única a ganhar este ano o Astrid Lindgren, outorgado anualmente desde 2002 a um dos candidatos. Lygia vai receber US\$ 675 mil – o segundo maior prêmio depois do Nobel – em solenidade em Estocolmo no dia 26 de maio.

De acordo com os jurados, a obra da escritora, que nasceu em 1932, na cidade de Pelotas (RS), reúne “de forma original o sorriso, a beleza poética e um humor absurdo, realçando a liberdade, a crítica social e uma forte solidariedade com as crianças desamparadas”.

### VEJA

24 de março de 2004, pg. 101

*De repente, 2 milhões na conta – Lygia: premiada na Suécia pelo conjunto de livros infantis*

Que tal estar sentada em casa e receber a notícia de que ganhou 675 mil dólares – 2 milhões de reais? Aconteceu com a escritora de livros infantis Lygia Bojunga, 71 anos, vencedora do prêmio literário Astrid Lindgren, concedido pela Suécia. ‘Esse dinheiro caiu do céu. Teria de escrever muito ainda para juntar uma quantia assim’, comemora Lygia, que vai construir um centro cultural na casa em que mora, no Rio de Janeiro. Refinada autora de vinte livros traduzidos em dezenove idiomas, ela entrou na disputa com mais de 100 escritores pinçados no mundo todo pela comissão organizadora. Levou todas: ganhou nas categorias autor, ilustração e projeto (editado por Lizia Bydlowski).

### Reportagens e entrevistas em canais de TV

Como já comentamos anteriormente, foram feitas reportagens e entrevistas com a autora para a TV: no Jornal Nacional, da TV Globo, em 2 de abril de 2004; no Espaço Aberto, na GloboNews, em 8 de abril e na TVE – Rede Brasil, em entrevista como jornalista Roberto D’Avila, em 16 de abril.

## 29º Congresso do IBBY – Livros para a África

Está cada vez mais próximo o 29º Congresso do IBBY!

Ele será realizado na Cidade do Cabo, na África do Sul, de 5 a 9 de setembro de 2004, tendo como proposta, entre muitas outras, mostrar como os livros de literatura de qualidade podem despertar a imaginação e estimular o potencial criati-

vo dos pequenos e jovens leitores. Diversas atividades estão programadas para acontecer nas escolas e bibliotecas de Cidade do Cabo, como leitura de histórias, encontros com escritores e ilustradores, mostras de livros, etc.

A FNLIJ, seção brasileira do IBBY, vai levar para o Congresso uma mostra de livros de literatura para crianças e jovens que abordam a cultura africana em nosso país. Esses livros serão doados às escolas e bibliotecas dos países africanos que falam a Língua Portuguesa.

# Parceria da Casa da Leitura/PROLER e FNLIJ: encontros movimentaram as tardes dos meses de março e de abril

A parceria da FNLIJ com a Casa da Leitura – PROLER continua. Como já noticiamos em edições anteriores do *Notícias*, o primeiro evento, que deu início à agenda de atividades, aconteceu no **dia 23 de março**, quando Ninfa Parreiras, especialista da FNLIJ, apresentou e comentou a mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil – DILI – IBBY 2004: “A luz dos livros”, de Angeliki Varela, com ilustração de Nicholas Andrikopoulos, do IBBY da Grécia. A mensagem foi divulgada no *Notícias* 1, com o objetivo de subsidiar, com a devida antecedência, as ações em torno da comemoração. Ninfa também falou sobre o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, cuja data de nascimento – 2 de abril – deu origem ao Dia Internacional do Livro Infantil, comemorado em todo o mundo. A escritora Stella Maris Resende, que reside em Brasília, e professores de diferentes cidades do estado do Rio de Janeiro estiveram presentes no evento.

## ABRIL – dia 23

No dia 23 de abril – o mês do livro – comemora-se o Dia Mundial do Livro e dos Direitos Autorais, decretado pela UNESCO, por ser a data de falecimento do criador de *Dom Quixote de la Mancha*, o escritor espanhol Miguel de Cervantes Saavedra. O *Notícias* 4 deu destaque a esse evento, apresentando e comentando algumas traduções e adaptações da obra, dirigidas ao público infantil e juvenil, publicadas em nosso país.

Para comemorar essa data, no dia 15 de abril, o poeta, escritor e tradutor Ferreira Gullar, convidado pela FNLIJ, esteve na Casa da Leitura, falando sobre Miguel de Cervantes. Gullar é um dos tradutores e adaptadores da obra de Cervantes, tendo publicado pela editora Revan, em 2002, *Dom Quixote de la Mancha*, com ilustrações de Gustave Doré. Esta bela edição deste

clássico universal recebeu, em 2002, o *Prêmio Monteiro Lobato – A Melhor Tradução Jovem*, da FNLIJ.

Com uma fala mansa, de um experiente leitor e contador de histórias, Ferreira Gullar trouxe muitas informações sobre a maior obra da literatura universal, considerada uma sátira. Ele falou sobre a importância dos diálogos travados entre o mestre Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança, por representarem o cerne deste livro.

Para ele, são nos diálogos que o leitor vai encontrar as verdades, as fraquezas, as virtudes do ser humano, desvendando a nossa subjetividade tão complexa.

Gullar leu alguns trechos da citada tradução/adaptação de sua autoria, feita especialmente para jovens, encantando com emoção e alegria o público presente.

Além disso, comentou sobre seu processo de trabalho e sobre passagens da obra, contou casos, riu e confirmou o grande valor deste livro para a literatura e outras artes.

O público, composto por diferentes profissionais, teve ainda a oportunidade de conhecer e manusear 15 títulos da tradução e/ou adaptação de Dom Quixote, do acervo da FNLIJ. Ao final, aconteceu o momento dos autógrafos, imperdível para aqueles que adquiriram a tradução de Ferreira Gullar.

## ABRIL – dia 29

No dia 29 de abril, a escritora Luciana Sandroni esteve na Casa da Leitura, a convite da FNLIJ, e conversou com um grande público de crianças e de adultos sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato, que também é homenageado em abril: o dia 18, data de seu nascimento, é considerado o Dia Nacional do Livro Infantil.

Autora da premiada obra *Minhas memórias de Lobato*, da editora Cia. das Letrinhas, Luciana falou com muita fluência sobre seu

processo de criação e revelou algumas curiosidades da vida do grande escritor.

Crianças e adultos se encantaram com seu depoimento, fazendo perguntas e dando opiniões. O público era bastante variado, com professores, outros profissionais e alunos de escolas públicas e particulares dos bairros de Olaria, Vila Cruzeiro e Santa Cruz, do Rio de Janeiro, e também das cidades de São João do Meriti, Belfort Roxo, Duque de Caxias/Imbariê. Também estiveram presentes profissionais e alunos da PUC-Rio, da Biblioteca Infanto-Juvenil Maria Mazzetti e do CEAT.

O público veio de trem, de ônibus, de metrô e também a pé para ouvir Luciana Sandroni. Foi uma verdadeira romaria pelos livros e pela leitura!

(colaboração de Ninfa Parreiras)

*No próximo Notícias, estaremos dando mais informações sobre os eventos realizados em maio (palestras e exposições de livros):*

**Dia 11/5 (14 h)** – A produção literária de autores indígenas, com o escritor Daniel Munduruku;

**Dia 27/5 (14 h)** – O Prêmio Hans Christian Andersen 2004, com o escritor indicado pela FNLIJ, Joel Rufino dos Santos e a especialista em literatura Laura Sandroni, membro do júri do HCA.

*Para o mês de junho, estão programados:*

**15/6 – 14 h:** Apresentação das Obras Recomendáveis pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil relativas à produção editorial de 2003

Mesa-redonda com especialistas. Exposição de livros.

**29/6 – 14 h:** Obras Recomendáveis pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil relativas à produção editorial de 2003

Mesa-redonda com escritores e ilustradores.

Exposição de livros.

Para a FNLIJ e para a Casa da Leitura/PROLER, é muito gratificante proporcionar esses momentos de aprendizado e de convivência entre autores, livros e leitores, que levam à reflexão e têm como objetivo proporcionar um trabalho mais consistente com textos e imagens dos livros de literatura para crianças e jovens.

# FNLIJ / INBRAPI

## I Concurso Tamoios\* de textos de escritores indígenas



**INBRAPI**

Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual

“Nosso Saber é a Nossa Marca”

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, seção brasileira do International Board on Books for Young People - IBBY, com o propósito de incentivar a produção literária para crianças e jovens, tem desenvolvido projetos, campanhas e publicações com destaque para a qualidade das obras publicadas na área. Como parte integrante dessas ações, a FNLIJ tem realizado concursos de textos para professores e escritores. Para 2004, último ano da *Década dos povos indígenas*, decretada pela UNESCO, a FNLIJ convida os autores indígenas a participarem do I CONCURSO TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS, realizado em parceria com o Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual - INBRAPI.

### Regulamento

#### Inscrição:

- Poderão participar indígenas adultos brasileiros residentes no Brasil, que tiverem sua filiação indígena apresentada.
- O texto inscrito deve ser fruto de uma produção literária para o público de crianças e/ou jovens, podendo ser de autoria coletiva.
- O texto deve vir apresentado em português, em forma narrativa ou poética.
- Cada texto deve ser apresentado impresso em três cópias, em papel A4, fonte arial 12, espaçamento 1,5, tendo o máximo de quarenta laudas, com pseudônimo.
- Separadamente, em um envelope fechado, o participante deve informar seus dados pessoais (nome completo, povo indígena a que pertence, endereço/cep, telefone, e-mail e cidade) e uma biografia de 5 linhas com sua trajetória de vida. Caso seja um texto coletivo, deve ser informada a biografia do grupo.
- Os trabalhos deverão ser enviados até 30 de julho de 2004 para a sede da FNLIJ: Rua da Imprensa, 16 – sala 1215 cep. 20030-120 – Rio de Janeiro – RJ.
- Após o concurso, os trabalhos não serão devolvidos.
- Maiores informações na FNLIJ pelo telefone: (21) 2262-9130 e pelo e-mail: [fnlij@fnlij.org.br](mailto:fnlij@fnlij.org.br) ou no INBRAPI pelo telefone: (61) 3033-7019 e pelo e-mail: [inbrapi@inbrapi.org.br](mailto:inbrapi@inbrapi.org.br)

#### Julgamento:

- A comissão julgadora será composta por especialistas e escritores indicados pela FNLIJ e pelo INBRAPI.
- Caberá à comissão julgadora selecionar ou não mais de um vencedor.

#### Divulgação dos resultados:

Os resultados serão comunicados diretamente ao(s) vencedor(es) pela FNLIJ e divulgados no Notícias e no site da FNLIJ.

#### Premiação:

- Participação do 6º Salão do Livro para Crianças e Jovens da FNLIJ, de 16 a 26 de setembro de 2004, no Rio de Janeiro, quando será entregue o prêmio. No caso de ser um texto coletivo, o convite será somente para um representante do grupo.
- Publicação do texto premiado no jornal Notícias da FNLIJ.
- Um acervo de livros de literatura infantil e juvenil doado pela FNLIJ.

\* Tamoios. Foi como os indígenas confederados se denominaram no século XVI para fazer frente a expansão portuguesa. A palavra significa *Filhos da Terra, Nativos*. Em homenagem a esta resistência dos antepassados e a esta nova confederação dos Filhos da Terra, que hoje usam a escrita como arma, os organizadores elegeram este nome para intitular o presente concurso.

## Biblioteca

Nesta relação, publicamos os títulos recebidos pelo CEDOP no período de 04/03/04 a 22/04/04, da Editora Arxjovem até a Editora Cortez. Essa é a primeira relação que estamos publicando referente à produção editorial de 2004.

#### ARXJOVEM

**As armas de Tortuga.** Brad Strickland e Thomas E. Fullher. Trad. Marcelo Mendes. Il. Dominic Saponaro. • **O ataque da segunda série.** Lawrence David. Trad. Luiz A. de Araújo. Il. Barry Gott.

#### ATUAL

**A 8ª série C.** Odette de Barros Mott. Il. Cássio Lima. 27ed. • **As aventuras do marujo verde.** Gláucia Lemos. Il. Luigi Rocco. 20ed. • **Aventuras e perigos de um copo d'água: uma guerra contra a poluição e a agressão à natureza.** Julieta de Godoy Ladeira. Il. Ro-

gério Borges. 16ed. • **Nó na garganta.** Mirna Pinsky. Il. Andréa Ramos. 49ed. • **O mistério do apartamento sorriso.** Pasqual Lourenço. Il. Adriano Renzi. 16ed. • **O solar assombrado.** Ganymédes José. Il. Rodval Matias. 21ed. • **Pai? Eu?** Tânia Alexandre Martinelli. Il. Cláudia Ramos. • **Um time muito especial.** Jane Tutikian. Il. Daisy Startari.

#### BRINQUE-BOOK

**Bem-vindo ao enrolê-olê.** Mariane Gelenski. Il. Suppa. • **Lili, Pedro e o peixe caçador de tesouros.** Angelika Glitz. Trad. Yara Arnaud Heidemann. Il. Anneté Swoboda.

#### CALLIS

**Paula de São Paulo.** Mariângela Bueno e Sonia Dreyfuss. 2ed.

#### CASA LYGIA BOJUNGA

**Angélica.** Lygia Bojunga. Il. Vilma Pasqualini. 23ed. • **Os colegas.** Lygia Bojunga. Il. Gian Calvi. 50ed.

#### CIA. DAS LETRAS

**De primeira viagem: antologia de contos** Vários autores. Heloisa Prieto (org.). Il. Graça Lima. • **Em que ano estamos? Uma expedição pela história de São Paulo.** Marcia

(continua na página 12)

*(continuação da página 11)*

Camargos. Il. Rodrigo Rosa. • **Leonardo da Vinci e seu supercérebro.** Michael Cox. Trad. Eduardo Brandão. Il. Clive Goddard. • **O hospital hostil.** Lemony Snicket. Trad. Ricardo Gouveia. Il. Brett Helquist. • **O violino cigano e outros contos de mulheres sábias.** Recontada por Regina Machado. Il. Joubert.

**CIA. DAS LETRINHAS**

**Ceci quer um bebê.** Thierry Lenain. Trad. Paulo Werneck. Il. Dephine Durand. • **Ceci tem pipi?** Thierry Lenain. Trad. Heloisa Jahn. Il.

Dephine Durand. • **Na casa do curinga.** May Shuravel. Il. da Autora. • **O novo final da história.** Mirna Pinsky. Il. Rodrigo Leão. • **O velho louco por desenho.** François Place. Trad. André Viana. Il. do autor.

**CORTEZ**

**Alguém viu a bola?** Jonas Ribeiro. Il. André Neves. • **Amoreco.** Edson Gabriel Garcia. Il. Kiko Garcia. • **Aparências enganam.** Tatiana Belinky. Il. Cristina Boazetto. • **Coisas do folclore.** Nelson Albissú. Il. Andréa Vilela e Mirella

Spinelli. • **Na minha escola todo mundo é igual.** Rossana Ramos. Il. Priscila Sanson. • **O livro das casas.** Liana Leão. Il. Guilherme Zamoner. • **Pedro compra tudo (e Aninha dá recados).** Maria de Lourdes Coelho. Il. Sílvia Aroeira. • **Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?** Sandra Branco. Il. Elma Neves. • **São Paulo de colina a cidade.** Amir Piedade. Il. Eduardo Vetillo. • **Senhora rezadeira.** Denise Rochael. Il. da Autora. • **Te conto que me contaram = Te cuento que me contaron.** Glória Kirinus. Il. Fernando Cardoso.

## 6º Salão do Livro, da FNLIJ, homenageia Lygia Bojunga e os escritores indígenas

Quando estávamos fechando essa edição do *Notícias*, a FNLIJ estava em processo de reserva de estandes para o 6º Salão do Livro, que se realizará no Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, MAM/RJ, do dia 16 a 26 de setembro de 2004. Essa reserva obedeceu ao seguinte critério: os mantenedores que participam há mais tempo do Salão do Livro puderam escolher primeiro os estandes.

Mais uma vez, a BR Distribuidora/Petrobras patrocina esse evento, que tanto mobiliza a cultura e a educação na Cidade do Rio de Janeiro.

Entre as novidades deste 6º Salão, teremos as homenagens a Lygia Bojunga, vencedora do Prêmio ALMA, da Suécia, e aos escritores indígenas, numa parceria entre a FNLIJ e o Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual – INBRAPI, por ser o último ano da Década dos Povos Indígenas, da UNESCO. *Para a Casa Lygia*



*Bojunga e para os escritores indígenas foram oferecidos estandes no 6º Salão.*

Será feita, durante o evento, a entrega dos prêmios dos 4 concursos promovidos pela FNLIJ, citados nesta edição do *Notícias*

O 6º Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, que mais uma vez reunirá professores, escritores, bibliotecários, jor-

nalistas e especialistas em literatura em torno das questões referentes ao livro, à leitura e à formação dos professor-leitor, terá como tema em 2004: **O livro como instrumento de formação e desenvolvimento de crianças e jovens.** No Suplemento do *Notícias* 6, estamos publicando a palestra apresentada pela escritora, especialista em literatura para crianças e jovens e membro do Conselho Diretor da FNLIJ Laura Sandroni, no Congresso de Cuba – o Lectura 2003 – realizado em Havana. Trata-se de um estudo sobre a temática que norteou os trabalhos do 14º Congresso do IBBY, organizado pela FNLIJ, seção brasileira do IBBY, realizado no Rio de Janeiro, em 1974. A autora, a partir dos Anais do Congresso, fez um estudo comparativo entre a época em que ele foi realizado e o momento atual, registrando as conquistas feitas e o que ainda é preciso alcançar no campo da literatura para crianças e jovens. Este texto oferece subsídios para as temáticas que serão apresentadas e debatidas no 6º Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, durante o 6º Salão do Livro, da FNLIJ.

### MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., Brinque-Book, Callis, Casa Lygia Bojunga, CBL, Cia. das Letrinhas, Cortez Editora e Livraria, Cosac & Naify, Cuca Fresca Edições, DCL, Dimensão, Edições SM, Ediouro, Editora Bertrand Brasil, Editora Biruta, Editora do Brasil, Editora Franco, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, IBEP - Companhia Editora Nacional, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Larousse do Brasil, Lê, Lucerna, L&PM Editores, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Paulinas, Paulus, Pinakothek Artes, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Revan, RHL, Rocco, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Stúdio Nobel, Thex Editora.

**EXPEDIENTE • Fotelito e Impressão:** PricewaterhouseCoopers • **Responsável:** Elizabeth D'Angelo Serra • **Redação:** Magda Frediani • **Revisão:** Magda Frediani e Claudia Pinto • **Diagramação:** Arco

**GESTÃO 2002-2005 • Conselho Curador:** Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. **Conselho Diretor:** Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Laura Sandroni, Sônia Machado. **Conselho Fiscal:** Ana Lygia Medeiros, Henrique Luz e Terezinha Saraiva. **Suplentes:** Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszlog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Bia Hetzel, Daniel Feffer, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, Lília Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, Lúcia Jurema Figueirôa, Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Feltre, Rogério Andrade Barbosa. **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente *Notícias*.

Tel.: (0XX)-21-2262-9130  
e-mail: [fnlij@alternex.com.br](mailto:fnlij@alternex.com.br)  
home page: [www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: [fnlij@alternex.com.br](mailto:fnlij@alternex.com.br)